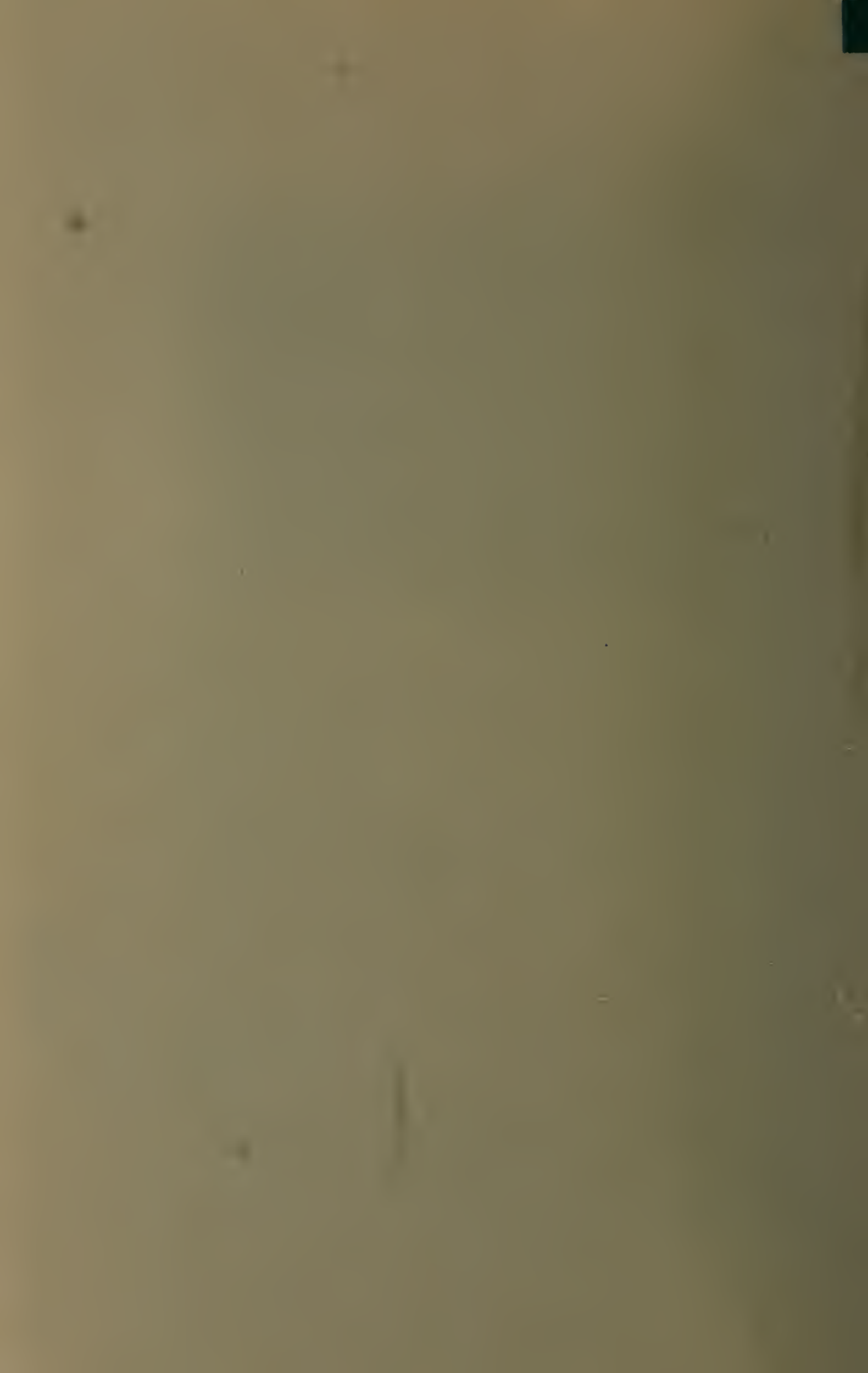


3 1761 07136145 5



Vasconcellos-Abreu, Guilherme
de
Passos dos Lusíadas

PQ
9226
V3



SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

PASSOS DOS LUSÍADAS

ESTUDADOS À LUZ DA-MITOLÓJIA E DO ORIENTALISMO

MEMORIA APRESENTADA À X SESSÃO

DO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ORIENTALISTAS

POR

G. DE VASCONCELLOS-ABREU

Lente de sâmscrito no Curso Superior de Letras

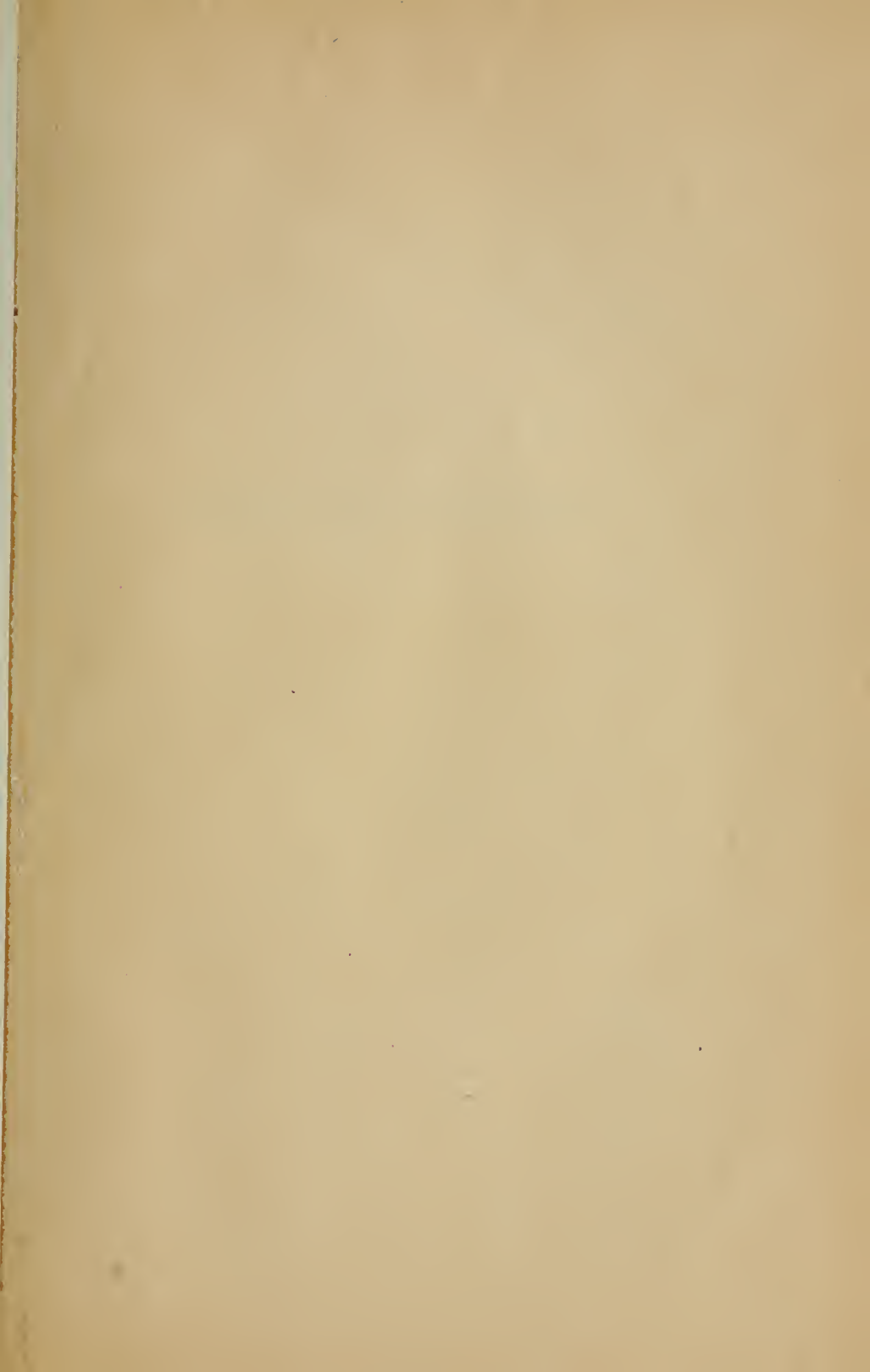
S. S. G. L.

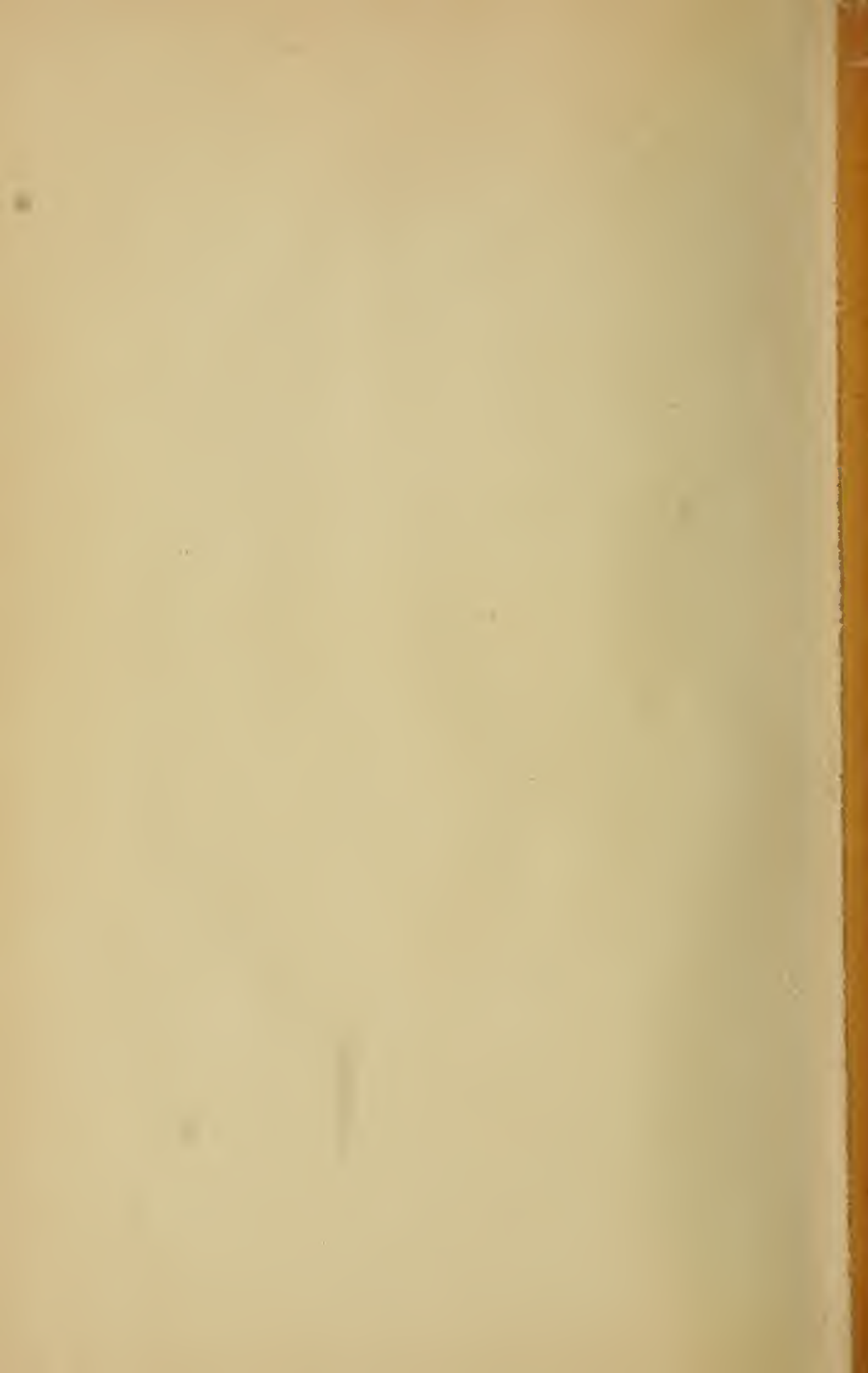


LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1892





PASSOS DOS LUSÍADAS

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

PASSOS DOS LUSÍADAS

ESTUDADOS À LUZ DA MITOLOGIA E DO ORIENTALISMO

MEMORIA APRESENTADA À X SESSÃO

DO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ORIENTALISTAS

POR

G. DE VASCONCELLOS-ABREU

Lente de sâmscrito no Curso Superior de Letras

S. S. G. L.



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1892



FQ
B-206
V3

a

Luciano Cordeiro

A sociedade que deu maior impulso às conferencias e festas camoneanas, aquella em cujo seio tudo se preparou para a comemoração do tricentenário do Grande Épico dos povos românicos, a que melhor concorreu para que se celebrasse em Lisbôa o notável cortejo cívico do dia 10 de junho de 1880, foi a «Sociedade de Geographia de Lisboa».

Na sala principal desta benemérita sociedade fiz no dia 4 de maio daquele ano a conferencia que publiquei, para comemoração do tricentenário de Camões, com o título *Fragmentos d'uma Tentativa de Estudo Scolástico da Epopeia Portugueza*.

Induziu-me a isso, muito particularmente, o amável convite do secretario jeral (hoje perpetuo) daquela sociedade, o meu amigo Luciano Cordeiro.

Reedito agora neste opúsculo, a convite e instancias do mesmo amigo, a parte de mitolojia e mitografia comparadas que propriamente era a escoliástica nos *Fragmentos*.

Se da primeira vez julguei que o meu trabalho não era digno de entrar no concurso dos literatos portuguezes, menos julgo desta vez que ele seja digno de se apresentar num congresso internacional de orientalistas.

A minha missão tal como a tenho compreendido, desde 1881, pe'las circumstancias de meio científico do meu país, no que diz respeito a estudos históricos, mui particularmente filolójicos, e sôbretudo orientais, é a que eu já antevira ao escrever o prefacio com que dei a lume a minha conferencia.

Em 1880 dizia eu no prefacio dos *Fragmentos d'uma Tentativa de Estudo Scolastico da Epopeia Portugueza*:

«Desde que em 1875 comecei a dedicar-me ao estudo das litteraturas orientaes, principalmente da hindú antiga, julguei de necessidade o apreço scientifico das obras dos classicos portuguezes que melhores noticias nos deixaram das terras da Asia.

Os commentarios deficientes, que alguns contemporaneos de Camões, e outros scoliastas, fizeram da obra do grande epico portuguez, assignalaram-me a falta d'aquelle apreço. E não só os *Lusiadas*¹ o merecem, mas tambem os *Colloquios de Garcia da Orta*¹ e as *Peregrinações de Fernão Mendes Pinto*; e convem escolher na volumosa obra de Gaspar Correa as lendas de interesse real, e esclarecel-as como Yule o fez para as viagens de Marco Polo.

Dos nossos viajantes é mister colher quanto ainda está inedito, e levantar á altura que lhes é devida os nomes quasi esquecidos de Bento Goes, Antonio de Andrada, Manuel Freyre, Fr. Tristão da Cunha e outros, que andaram pelas regiões inhospitas da Asia, já passando o Himálaya pelo Pir-Panjal, e pelo Mariam-la chegando a Lhasa, já atravessando o Pamir, e penetrando na China.

¹ Felizmente os *Colloquios* de Garcia da Orta estão sendo editados e explicados com são criterio e segura erudição pe'lo sr. Conde de Ficalho; dos *Lusiadas* deu últimamente à estampa o Canto I o sr. F. de Salles Lencastre, com aparato ilucidativo de primor desconhecido entre nós, e com o grande realce do estudo da pronuncia da lingua portuguésa feito pelo sr. A. R. Gonçalves Vianna.

Do coração me consagraria eu a estes trabalhos se a fortuna, privando-me de meios de que para esse afadigado estudo carece o espirito, me não deixasse apenas, como á timida borboleta, azas que não são para vôo altivo.

Como a larva que, transformada, vem para entre as flôres batendo em adejos vacillantes as leves e mal seguras azas, eu sinto-me tomado de vertigem quando me transformo ao sol da sciencia, soltando-me do casulo escuro de obrigações penosas para o meu espirito.

Com afân, incansavel, labuto e lido com a pressa da maripoza, mas com o vigor de quem só por si ha de levantar um edificio, acarretando pedra e afeiçoando-a, aplainando toda a obra até chegar ao concerto total.

Pedra britada que salta d'esse afeiçoamento, e maravilhas que se juntam d'esse aplainar, são estes fragmentos amostras dos materiaes que disponho e não do fim com que os ordeno».

Nunca tive a louca pretensão de ser um orientalista que por trabalhos proprios enriquecesse o thezouro das pesquisas orijinaes com que se engrandece a ciencia. Carecia para isto de meios pecuniarios de que não pude nunca dispor e de meio científico que ainda não se formou entre nós. Carecia de recursos em manuscritos e mesmo livros, jornais e outros trabalhos impressos, que as três principais bibliotecas, mais ao meu alcance, a Biblioteca Pública, a Biblioteca da Academia Real das Ciências, e a da Sociedade de Geografia, me não podem fornecer.

O meu desejo tem sido sempre implantar os estudos de samscritolôjia em Portugal, país a que sempre os julguei necessarios, e prestar testemunho de honra à minha patria escrevendo um capitulo da sua historia ultramarina. São com efeito dois os pontos que eu tenho trazido sempre em mira no meu empenho de estudo das cousas orientais, um — o conhecimento e comprehensão da India, outro — escrever

à luz dêste conhecimento e guiado por esta compreensão a *Historia Portuguesa da Asia*.

A doença, que já em 1880 me flajelava e se prolongou até 1884, e os desenganos, que dia a dia se acumulam, amorteceram-me o vigor: já não penso com entusiasmo na possibilidade da realização daquele meu empenho.

Cuanto, porém, para isto tenho feito digam-no as obras já publicadas por mim, as discussões que tive na Comissão das Missões no Ministerio da Marinha e Ultramar, e as vãs promessas dalguns politicos, que rápidos têm passado à superficie da minha atmosfera, como estrêlas cadentes (!) e efêmeros (!) meteoros, sem esclarecerem as trevas de olvido em que uns e outros me deixam a mim e ao meu empenho.

Dessas discussões, dessas promessas nada resta; só há para testemunho do meu esforço esses poucos livros que tenho dado à estampa, no intuito de aplanar dificuldades a quem depois de mim vier trilhar a estrada que deixo aberta, e no intuito de ministrar aos nossos missionarios da India conhecimentos que lhes são indispensáveis.

Estes livros são: *Manual para o estudo do sãoskrito classico*. — Vol. I, tómo I: *Grammatica* (1881-1882, in-8.º p. XXIII, 186); tómo II: *Chrestomathia* (1883-1891, in-8.º p. 214, VI). — Vol. II, tómo I: *Exercicios e Primeiras leituras de sãmscrito* (1889, in-8.º p. 173, fora o índice, as erratas e o prefacio, que tudo vai ser dado com o tómo II). — *A Literatura e a Religião dos Arias da India*. Parte I: *Introdução: Logar da literatura árica da India na historia da civilização do Mundo e sua influencia no criterio sociológico moderno* (1885, in-12, p. XXXII, 171).

Os três primeiros livros são publicações feitas por conta do Estado, em Lisbôa na Imprensa Nacional, e ao Estado cumpre fornecê-los aos missionarios que de Portugal vão para a India. O quarto livro é edição de Paris. Em nenhum teve o autor interêsse pecuniario, de nenhum auferiu provento material.

Com o mesmo desinterêsse, e no mesmo intuito tenho-me occupado nestes dois últimos anos na redacção do vocabulario de sâmscrito do tómo I do vol. II. Constitui êsse vocabulario o tómo II do vol. II; tenho dele já impressas três folhas e a 4.^a vai brevemente entrar no prelo; deve o tómo ser de cêrca de 350 páginas. Com êsse tómo introduzo o método comparativo no estudo da morfolojía sams-crítica.

É desta maneira que entendo a minha missão de orientalista, em Portugal.

Todos estes trabalhos (e não falo aqui de pequenos folhetos e artigos) têm sido feitos em luta constante contra resistencias passivas de meio adverso a estudos desta natureza, e à custa de muitos sacrificios: As imposições irresistíveis da vida têm-me levado, muitas vezes, a minha actividade de espirito para outro campo e obrigado a interrupções demoradas.

Nesta luta em que se perdem tantas forças úteis para o trabalho pacífico, descuidei tudo quanto não fôsse a tarefa a que me obrigara por julgar assim mais proficua a futuros estudiosos a minha dedicação.

Todavía como do aplainar da obra saltam as maravilhas, assim do meu estudo glotolójico dêstes últimos anos têm saído aparas com que pensei compor Memoria que fôsse melhor cabida homenagem ao Congresso.

Mas veio logo o casulo das obrigações officiaes prender-me e tive de exercer gratuitamente, por ordem do Ministerio do Reino e Instrução Pública, até fim de julho, as funções de examinador no Liceu de Lisbôa. Examinei em francês, em portuguez, em literatura, em historia; não escrevi a minha memoria para o Congresso, e perturbei completamente o meu cérebro com aquele trabalho fatigante e com o atordoamento moral pe'lo que durante aquele tempo de exames vi e ouvi, inferi e verifiquei.

Refugiei-me nesta aldeia, aonde me trouxe para sossêgo a espontanea hospitalidade dum amigo, e aonde a incansável actividade doutro veiu lembrar-me a promessa, com que para ele eu me havia obrigado, de refazer a minha conferencia de 4 de maio de 1880.

Cumpro a promessa. Atrevo-me a tanto! e até certo ponto por estar hoje fora do mercado o meu trabalho primeiro.

Poucos são os passos dos *Lusiadas* que interpreto neste escrito, e deles havia já tratado por ocasião do centenario de Camões.

Entendi que devia eliminar a parte meramente litteraria dos centões e corrigir e ampliar a que mereceu encomio de alguns homens de ciencia, que me honraram no aprêço do meu estudo escoliástico.

A um dêesses, muito especialmente, devo testemunhar o meu público agradecimento. É o sr. Donald Ferguson, que se dignou traduzir em inglês, com o título *Buddhist Legends*, o meu primitivo ensaio de mitografia e mitolojia comparadas.

De umas brevissimas observações que o sr. Donald Ferguson fez à minha tradução do canto IX do Dipavamsa (ed. de Oldenberg), aproveitei agora o que era justo, e é tão-sómente o que se refere ao verso 18, pesunã, e ao verso 32 que prefiro ler e traduzir como Oldenberg preferiu e eu já havia feito notar a páj. 49, nota 1, que ele preferira. Emquanto à tradução de avassakã nos versos 13-14 rejeito a que eu dera, e traduzo mais ou menos como Oldenberg; com efeito Oldenberg traduziu «helplessly» e eu traduzo «sem govêrno»; para isto guiei-me pe'lo sámscrito, passando o páli avassakã para a forma avasjakam e atendendo a que avasja significa «que se não sujeita à vontade doutrem».

A propósito da observação do sr. Donald Ferguson no tocante à minha tradução «ir de gatinhas», direi que esta

tradução é pe'lo menos tão bôa como a de «to crawl». «Andar de gatinhas» ou «engatinhar» é expressão portuguesa comum e, se não pintoresca no ponto estético, descritiva no símile, pe'lo cual designamos o andar das crianças arrastando-se de joelhos e com as mãozinhas no chão, no período em que ainda não podem pôr-se de pé e andar erectas. Direi mesmo que o verbo «engatinhar» ou a perífrase «ir de gatinhas» escusa o dizer-se «com pés e mãos»; há nisto redundancia, que deixei ficar por querer traduzir as palavras ubhopāñīhi ḡannūhi, e não ser êste pleonasma cousa para estranhar-se em português vernáculo. Em inglês traduz-se muito bem «engatinhar» por «to creep with hands and feet».

Enriqueceu o sr. Donald Ferguson o meu pequeno trabalho com a sua tradução do jâtaca do *Cavalo-Nuvem*. Dou êsse jâtaca em seu logar, na propria versão inglesa, e com as respectivas notas que a acompanham no folheto em que se trasladou o meu.

Se aos orientalistas e aos camoneanistas merecer alguma importancia a reedição do trabalho publicado por mim por ocasião do tricentenário de Camões, agora assim modificado, seja isso em louvor de Luciano Cordeiro, a cujas instancias se deve e para cujo preito o dedico.

Aqualva, 23 de agosto de 1892.

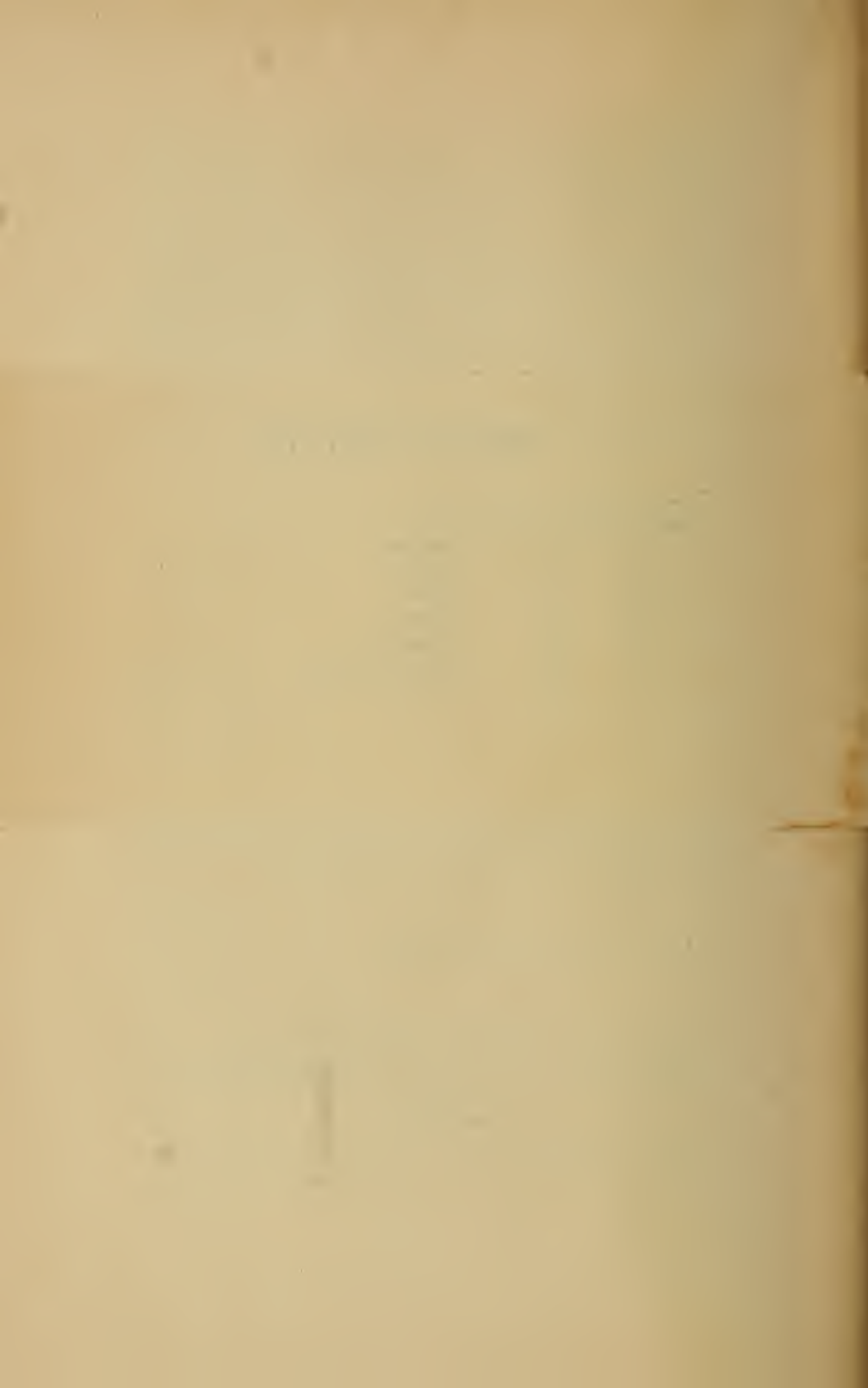
G. de Vasconcellos Abreu

CORRECÇÕES ESSENCIAIS

<i>Pág.</i>	<i>linha</i>	<i>14</i>	<i>leia-se</i>	<i>di p o</i>
» 29	»	5	»	lenda das
» 38	»	3	»	au loin.
» 42	»	7	»	s'agita
» 49	»	14	»	<i>sotâpatti</i> ,
» 52	»	22	»	Coromandel,
» 67	»	17	»	herois da historia
« 77	»	22-23	»	A uttara-vedi, a vedi superior,

As queixas amargas e punjentes, em que por vezes vemos demorar-se Camões, não lhe fazem esquecer o que viu, o que leu e o renascimento clássico ensinava aos mais illustres filhos da escola italiana, não lhe toldam o aprêço dos homens com quem tratou, nem exajeram as dificuldades e perigos que ele combateu. Os desastres «miserandos» e «tristes», os «novos trabalhos» e os «novos danos» em que a fortuna «o trazia peregrinando»

..... com pobreza avorrecida,
Por hospícios alheios degredado



O poema dos *Lusiadas* é a Epopeia da Patria Portuguesa, a autobiografia do Poeta, e uma enciclopedia em

.....transunto reduzido
Em pequeno volume.....

de todo o saber de então, e das tradições proprias do século XVI na Europa e das que àquele tempo nos tinham vindo do Oriente.

As queixas amargas e punjentes, em que por vezes vemos demorar-se Camões, não lhe fazem esquecer o que viu, o que leu e o renascimento clássico ensinava aos mais illustres filhos da escola italiana, não lhe toldam o aprêço dos homens com quem tratou, nem exajeram as dificuldades e perigos que ele combateu. Os desastres «miserandos» e «tristes», os «novos trabalhos» e os «novos danos» em que a fortuna «o trazia peregrinando»

..... com pobreza avorrecida,
Por hospícios alheios degredado

não lhe acabrunham o espírito nem o estorvam de relatar, confirmando, o que das terras da Aurora disseram os historiadores e viajantes que primeiro delas falaram, nem de colhêr dos proprios naturais fiel interpretação ainda não sabida.

Até a última estrofe, Camões é seguro no conhecimento como é sublimado no canto, ardente no enjenho, e tão vigoroso na frase como de seu provado valor alevantado.

De usos e lendas de povos orientais que ele refere, pouco explica a lição dos comentadores do Poeta; pe'lo quê, sem me erguer a confronto com eles, neste breve estudo escoliástico, pretendo aqui explicar algumas referencias dêsses factos sociais, que hoje tanto interessam aos doutos que investigam a demopsicología, por verem, nesse enleio infantil das civilizações passadas, as tenues palhas de que se fizeram os calabres poderosos, que ainda acorrentam as civilizações hodiernas.

I

Os monstros de Pegu. Os homens-cães

Um dos cantos dos *Lusiadas* que mais tenho estudado cotejadamente com historiadores e viajantes nossos, é o Canto X; a obra que mais se deve comparar com o que o Poeta nos relata nesse canto é o notável periplo de Duarte Barbosa.

Com Duarte Barbosa está ele de acôrdo no estranho caso e não menos singular usança, que relata quando diz :

«Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já Mõstros povoarão,
Mõstros filhos do feo ajuntamento
Dhũa molher e hum cão, que sos se acharão :
Aqui soante Arame no instrumento
Da geração costumão, o que usarão
Por manha da Raynha, que inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando».

L. X, fol. 181.

Os «monstros filhos do feio ajuntamento» de que fala o Poeta são os Cares de Pegu e sul de Bermá, selvajens denominados «homens-cães» pe'los Bermás¹.

¹ Bastian, *Oestl. Asien*, I, 133. O Dr. B. quere que se escreva Birmá e não Barmá, Bramah, Burmah, etc. Duarte Barbosa escreveu Bermá, ortografia melhor que Bramá e que nós Portugueses devemos seguir.

Do costume de trazerem soante arame no instrumento da jeração lê-se noticia mais desenvolvida em a descrição das costas orientais africanas e do Malabar dada por Duarte Barbosa (*Hakluyt Society* de Londres, páj. 184 do resp. vol., e in *Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas*, publ. pela Acad. R. das Sciencias de Lisboa, 1812, tómo II, páj. 366, ou da 2.^a ed. páj. 360-361).

Diz assim :

HAKLUYT SOCIETY

A. R. DAS CIENCIAS

«... traen en los capirotes de sus miembros unos cascavellos redondos cosydos soldados entre la carne y el cuero por hazerselos mayores, algunos traen tres, y algunos cinco, y algunos syete, y dellos de oro y de plata y otros de metal, los quales les van sonando de que andan y an lo por mucha gentileza y las mugeres huelgan mucho con ellos y no quieren hombres que no los tengan, y los que mas honrados son, esos los traen mas y mayores.»

«... trazem suas naturas nhũs cascaveis redondos, cerados, e muy grandes, cosydos e soldados por dentro antre ho couro e carne, por fazerem grande soma, e trazem muitos destes até sinco, deles saom douro, outros de prata, ou metal segundo hos que hos trazem, e quando andaom fazem grande som, ho que haom por grande honra, gentileza; e quanto mais honrados, trazem mais: has mulheres folgam tanto com iso que nom querem homeins que os não tenhaom, e nom digo mais deste costume pola desonestidade.»

Para lastimar é não o dissesse que a não há em ciencia.

Ibn-Batutah relata estes estranhos costumes por forma que não há que duvidar-se. Damos a tradução da passajem respectiva segundo Defrémery e Sanguinetti (ed. da Société Asiatique, IV, 224-225):

«Les hommes de ce pays nous ressemblent au physique, si ce n'est que leurs bouches sont pareilles à des gueules de chien. Mais il n'en est pas de même de leurs femmes (concorda com João de Barros, *Decada* III: 3, 4.^o) qui sont d'une esquisse beauté. Les hommes sont nus et ne revêtent pas d'habit, seulement, quelques-uns placent leur membre viril et leurs testicules dans un étui de roseau peint et suspendu à leur ventre. Les femmes se couvrent de feuilles d'arbres. . . . les indigènes s'accouplent comme des brutes, et ne se cachent pas pour cela (Barros, *l. c.*, diz: « pois que no acto do ajuntamento d'elles, querem imitar os cães »).

O P.^o Barbe (apud Yule in *The Book of Ser Marco Polo*, 2.^a ed., II, 294) dá-nos conta de se julgarem os povos do Nicobar¹ descendentes duma raça canina e humanamente de mulheres. Tradição esta que bem pode ser explicada pe'lo modo de contar o parentesco pe'la linha feminina, como é uso ainda entre os Bermás².

Marco Polo dizia já dos habitantes das ilhas Andamanes que eles tinham cabeça de cão, e olhos e dentes de cão.

¹ A mesma crença noticiam Schirren, *Die Wandersagen der Neu-seeländer*, etc., páj. 155. Waitz, *Antropologie der Naturvölker*, 5, 33; apud Liebrecht, *Zur Volkskunde*, páj. 20. Ball, in *Jungle Life in India*, Londres, 1880, diz dos Nicobares: «The people struck me as being the most unprepossessing I had ever seen; the round-faced jolly-looking Andamanese being handsome as compared with them. Owing to the incessant habit of chewing pawn their teeth are intensely black, the incisors of the lower jaw often protruding in an irregular manner like tusks. The tongue, too, is more or less black, and in the mouths of some there appeared to be horny growths or accumulations, which prevented them closing their lips». Páj. 191. Mais adiante, páj. 206-207, escreve: «They (the Nicobares) are said to possess two traditions as to their primary origin, the first being that they are sprung from ants, and the second that they are descended from a man and a dog—the sole survivors of a great inundation.

² Os Nicobares e os Bermás têm pontos étnicos comuns inegáveis. Veja-se o que diz Ball, *l. c.*

Os Cara-Quirguizes do Issicol e Cocande explicam o seu nome étnico dizendo: que descendem de cuarenta raparigas (kirk kize), as cuais, um dia, voltando depois de pequena ausencia aos seus lares, não encontraram os pais nem os rebanhos, porque inimigos lhes haviam levado os homens e animais; que viram unicamente nas vizinhanças um cão vermelho, com ele coabitaram e daí provêm os actuais Quirguizes pretos¹.

A estas lendas de homens cinocéfalos anda, de certo modo, conjunto o bárbaro costume dos sacrificios humanos e da antropofajia², e talvez em muitos dos pontos a que elas se estendem, — desde a China à Etiópia, à Europa, à América —, ficasse subsistente a disposição artificial dos dentes caninos aguçados para melhor rasgamento das carnes.

Assim os Cubanos descreveram os Caribas a Cristóvão Colombo, dizendo-lhe eram comedores de homens e terem focinho de cão. Em lendas da Dinamarca conta-se dos homens-cães habitantes da Finlândia. E também dos Belgas e dos Galos nos dizem os Padres da Igreja que eram antropófagos ainda em tempo dos Romanos. E dos Borus, antigos Prussianos, diz Ibn-Said que eles eram homens com focinho de cão.

Entre alguns povos encontra-se a lenda da origem canina não só duma tribo determinada, dum povo exclusivamente, mas dos homens em geral.

Dizem os Ainos que ao tempo em que do lodo foi tirado o mundo, o vento e as ondas trouxeram, de manhã, em um navio, uma mulher à formosa ilha em que eles vivem. Um dia, estando a banhar-se viu vir nadando apressado para ela um grande cão, e ela assustada quis fugir-lhe e esconder-se, mas o cão disse-lhe: «Deixa-me ficar contigo, serei o teu companheiro e o teu defensor, e assim tu

¹ *Journal Asiatique*, VI serie, 2, 311; apud Liebrecht, *l. c.*

² O canibalismo dos Andamanes está hoje contestado por viajantes dignos de crédito. V. Ball, *op. c.*, páj. 212-213.

escusas de tornar a ter mêdo». Ela consentiu nisto e desta ligação nasceram os Ainos, isto é, os homens¹.

Aos cães são substituídos ainda, em algumas lendas, os lobos; e na Europa um grande imperio teve principio com os dois expostos amamentados por uma loba, ou filhos de uma loba, e fim com o filho de um cão: Rómulo e Remo foram amamentados por uma loba, como Ciro foi amamentado por uma cadela, e Átila descendia dum cão.

Nestas crenças, nestas superstições, nestas lendas, há apenas um aspeto do que hoje, em ciencia, se denomina *totemismo*. A tribo ou a familia escolhe o *tótemo* ou o *dodaime*, como o padrinho ou a familia, entre nós, escolhe o nome do neófito. Determina-os muitas vezes o acaso, se a tradição familiar ou local ou ainda mesmo a fantasia não os resolve na escolha. Outras vezes o individuo chegado à puberdade pratica um acto solene que afirme a sua emancipação. Êste acto é cuási sempre um sacrificio em lugar êrmo. Depois de concluído o sacrificio o sacrificador escolhe para seu *tótemo*, para seu *dodaime*, o primeiro animal que passa, ou que ele veja, em sonho mesmo que seja; e para tornar mais solene esta *crisma*, pica-se e deixa correr algum sangue do proprio corpo.

Chamei *crisma* a êste facto bem conhecido já desde o século passado e confirmado modernamente por etnógrafos e viajantes. Facto semelhante se pratica entre nós: moços de jente rude há que desenham com picadelas numa parte do corpo, — costas das mãos, braços, peito, principalmente —, o *tótemo* pe'lo cual ficam conhecidos por toda a vida, a êsse facto dá-se entre nós, nalguns pontos do país, o nome de *crisma*. Alguém julga ser isto mera tatuagem.

¹ Lindan, *Voyage au Japon*, ap. Liebrecht, *Zur Volkskunde*, páj. 10.

Assim crismados os individuos, natural é que, em povos de civilização rudimentar, tanto no Antigo- como no Novo-Mundo, o tempo leve as familias à conclusão de que elas descendem do animal cujo *tótemo* deu o nome ao seu primeiro avô. O ascendente de que a familia provém fica sendo, jeralmente, um heroi avito, sôbretudo se no decorrer das jerações se chega a constituir tribu ou povo com caracteres assinalados, ou pe'lo menos povo denominado à parte na mesma rejão habitada por outros povos ou tribus.

A amamentação do heroi por uma fera é modo de ser atenuado da mesma crença.

Em muitas lendas, com effeito, os herois são crianças enjeitadas amamentadas por feras, são filhos de feras ou salvos por elas, e não só entre os povos das antigas civilizações e de todo o Antigo-Mundo, mas até no Brasil, onde, entre os Iucarés, o heroi Tiri foi um enjeitado amamentado por um jaguar¹.

Os Guelfos, tão afamados pe'las suas guerras com os partidarios do senhor de Wiblingen, os por isso chamados Gibelinos, são descendentes de cães, de uma tímida mãe ou de uma madrasta cruel, que abandonou as 7 ou 9 criancinhas enjeitando-as e fazendo-as passar por cachorrinhos cegos (cachorrinhos, *Welfe* = *junge Hunde*)².

Da mãe que tem 7 filhas a fio, sem intervalo de nenhum filho varão, a sétima filha é bruxa; e se tem 7 filhos a fio o sétimo é lobisomem; assim crê o nosso povo³.

¹ Consultem-se, entre outras obras, Müller, *Americ. Urrelig.*, já citado, Hanusch, *Slav. Myth.*, Tylor, *Wild Men and Beast Children*, e *Primitive Culture*, Liebrecht, *op. cit.*, o qual dá copiosa bibliografia. Cf. o mito de *Édipo*, e a lenda de *Simhabálu*.

² Liebrecht, *Romulus und die Welfen*, in *Zur Volksknd.*

³ Veja-se Consiglieri Pedroso, *As bruxas na tradição do nosso povo*, in *Positivismo*, 2.º ano.

Em algumas religiões o cão é um animal cuási sagrado. Entre o nosso povo a lingua do cão é *benta*; cura as feridas dos homens lambendo-as; o seu uivar faz lembrar almas do outro-mundo. E os Armenios acreditam em seres sobrenaturais ou divinos, cujo nome é *Arlez* ou *Aralez*, nascidos dum cão, os cuais lambem as feridas dos guerreiros caídos no campo da batalha tornando-os à vida ¹.

Entre os Eranios o cão merecia cuidados especiais e cuási iguais aos que merecia o proprio homem. Se a criança devia estar sete anos sob protecção particular, protecção idéntica era devida ao cão durante os primeiros seis meses. Acêrca do cão depois desta idade lejila o Avesta com pormenores tais, que o torna cuási igual ao homem ².

O olhar do cão faz fujir os entes malévolos, crêem em jeral os Arias. É comum à mitolójia dos Arias o mito do cão guarda do Inferno. Ao *Cérbero*, *κέρβερος* da mitolójia grega, correspondem nos monumentos literarios em sámscrito os dois cães de Iama, de largas ventas, de quatro olhos e mosqueados ³ guardas do paraíso; correspondem-

¹ *Journal Asiatique*, IV serie, vol. 19, páj. 31, ap. *Liebrecht* ut s.

² Veja-se A. Hovelacque, *Le chien dans l'Avesta. Les soins qui lui sont dus. Son éloge*. Spiegel, *Eranische Alterthumskunde*, vol. III, páj. 657 segs. Veja-se *Avesta*, principalmente *Fargarde* XV. Monsenhor Ch. de Harlez, na Introdução da primorosa tradução do Avesta, o livro sagrado dos Zoroastreus, ed. de 1881, páj. CL, diz: «Le chien occupe dans les lois mazdéennes une place des plus importantes. Son cadavre, au point de vue des souillures, est traité comme celui de l'homme; il est défendu de le maltraiter tout comme l'homme et les peines qui frappent l'homicide ne sont pas plus grandes que celles prononcées contre le meurtrier d'un chien de garde». A estima e mesmo veneração por êste animal distinguem os Eranios dos seus vizinhos occidentais e de todos os outros povos indo-celtas.

³ Em sámscrito o vocábulo *śarvara* ou *śabala* (e ainda *karbara*, *karvara*, *karbura*, *karvura*) significa «mosqueado» e diz-se dos cães de Iama. Está demonstrado que o vocábulo é o mesmo que o grego *κέρβερος*. V. Benfey, *Vedica und Verwandtes*, 149-164, e *Hermes, Minos, Tartaros*, § 4. M. Bréal, *Hercule et Cacus*, 121, 130; Weber, *Indische Studien*, II, 298, e *Indische Streifen*,

-lhe ainda os cães guardas da ponte Chinuate dos Parses, que só dá passagem aos justos, e donde caem no ífimo Duzaque os maus¹.

Iudixtira, o mais velho dos cinco *Pándavas*, os herois da extraordinaria epopeia samscritica, o *Mahabárata*, recusa a Indra a oferta do seu carro divino, e não quiere nele subir para o *suarga* sem ali entrar com o seu cão.² E com efeito com ele subiu ao paraíso de Indra, como a lenda conta do animal favorito de Santo Antão.

II, 229 segs. Terem estes dois cães, cada um, quatro olhos, *katurakṣa* (X, 14, 10), explica-se como se vê da nota imediata, por terem as malhas amarelas por cima dos olhos.

¹ James Darmesteter, *The Zend-Avesta* (vol. IV dos *Sacred Books of the East*), páj. LXXXVII, diz: «The identity of the Parsi with Kerberos and Yama's dogs appears, moreover, from the Parsi tradition that the yellow-eared dog watches at the head of the *Kinvat* bridge, which leads from this to the next world, and with his barking drives away the fiend from the souls of the holy ones, lest he should drag them to hell.

² Benfey, *Hermes*, etc., páj. 9. Veja-se o episodio em Ph. Ed. Foucaux, *Le Mahâbhârata. Onze épisodes tirés de ce poème*, páj. 407 e segs.

II

Orijem do nome de Ceilão

Há lendas de populações descendentes do ajuntamento bestial duma fera com individuo de natureza humana, cujo valor mitolójico pode servir de guia para o conhecimento histórico da orijem dessas populações.

Neste caso está a lenda que explica o nome de Ceilão dado à antiga ilha de *Tamra*, *Tāmra-dvīpa* ou *Tāmra-parṇa*, contada pe'los autores budistas quer na sua língua sagrada, o páli, quer em sámscrito, ou em chinês.

Veremos logo estas lendas; digamos agora como *Ceilão* significa «país, terra ou residência ou reino dos leões».

Em dois dos mais antigos textos clássicos em sámscrito, no Mahabárata e no Ramáiana, encontramos o vocábulo *Lankā* designando a capital dos ferozes Ráxasas, cujo rei é, segundo o Ramáiana, o terrível Rávana. Outro nome também anticuíssimo é o que se encontra no Harivamsa, *ratna-dvīpa* «ilha das cousas preciosas» e que bem traduziram os Chineses pe'lo vocábulo *P'ao-tchu*¹.

¹ Stanislas Julien, *Voyages des Pèlerins bouddhiques*, III, 125. Cunningham, *Ancient Geography of India*, páj. 557. V. adeante páj. 31.

Hiuan-Tsam¹, no 7.º século, ainda emprega, todavia, o nome de *Ling-kia* do sâmscrito *Lankā*, mas para designar apenas uma alta montanha habitada por espíritos malfazejos² no ângulo sueste do reino de *Seng-kia-lo*, em sâmscrito *Sîhala* «país dos leões».

No 6.º século, Cosmas, o navegador ejipto nos mares da Índia — *Indicopleustes*, denomina a ilha de Ceilão, na sua «*Topographia Christiana*», *Sielediba*; e um dos nomes mais conhecidos pe'los navegadores e comerciantes foi com efeito o de *Serendivus*,³ *Singal-dib*⁴ ou *Sirindib* ou *Serendib*⁵.

Estas denominações são derivadas do vocábulo páli *sîhala-dîpo* cuja forma sâmscritica é *sîhala-dvîpa* «ilha dos *Sîmhalas*» a ilha de Ceilão. O vocábulo *dvîpa* «ilha», *dîpo* em páli, transformou-se na linguagem dos Árabes em *dyvah*, *aldybah*, como ainda se vê em um documento português do século XVI, bem que Fr. João de Sousa transcreva *adiba*⁶.

À Europa tinha chegado já antes dos Árabes o vocábulo *sîhala-dvîpa*, porque Ptolomeu usa do adjectivo *salikê* designando todos os habitantes de *Salai*. Lassen⁷ identi-

¹ Bem que deixe aos vocábulos chins a transcrição usada pe'lo sinólogo cuja obra cito, escrevo à portuguesa os nomes proprios como êste do célebre peregrino; sigo nisto a nossa tradição e praxe, tão estimada que já mesmo estranhos disseram que melhor avisados transcrevíamos por *m* final o que Franceses e outros transcrevem por *ng*. Semelhantemente se entenda dos vocábulos que não forem de lingua árica; e dêstes, que os reduzo a forma concordante com a ortografia dêste escrito, quando os cito acomodados ao falar português.

² St. Julien, *op. cit.*, III, 144. Sénart, *Essai sur la Légende du Buddha*, 231 e segs.

³ Ammiano, XXII, vii.

⁴ Abu Rihân, apud Cunningham, *op. cit.*, páj. 558.

⁵ *Châines des Chroniques*, páj. 5, n.º 7, e *passim*, in *Relations des Voyages faites par les Arabes et les Persans dans l'Inde et à la Chine dans le IX^e siècle*, trad. de Reinand, 1845. Cf. adeante páj. 74.

⁶ *Documentos arabicos para a historia portugueza*, Lisboa, 1790, páj. 107 e segs.

⁷ *Indische Alterthumskunde*, 2.^a ed., I, 241 n.

fica êste nome dado pe'lo jeógrafo grego a uma forma abreviada em páli *sīhala*, significando: — «*Residencia dos Simhas*, não dos verdadeiros leões, mas dos guerreiros que para ali emigraram com Vijaia», o conquistador indio a quem se atribui a civilização búdica de Ceilão.

Mas confirmando a lenda¹ que nos diz ter sido a ilha anteriormente denominada *Tāmra-parṇa*, ou em páli *Tamba-paṇṇi*, tinha chegado ao conhecimento de Onesicrito esta denominação anterior à de *Sálai*, e assim era no ocidente desde Alexandre,

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antigo tam famosa

L. X, fol. 169.

Do nome dos *Símhalas* deu-se em páli à ilha o de *Sīhalā*, cuja forma vulgar *Sīlā*² deu origem às formas *Sailán* usada pe'lo Persa Raxid-Eddin contemporaneo de Marco Polo, e à usada pe'lo mesmo Polo, *Seilan*, bem como à nossa, *Ceilão*.

É notável ter Camões identificado³ os dois nomes Ceilão e Taprobana, porque em 1537, por equívoco resultado de má interpretação da geografia de Ptolomeu pe'la escola de Behaim⁴, por Taprobana se entende a ilha de Çamatra.

Em 1559, Jomard, confunde ainda ambos os nomes de Çamatra e Taprobana, separando-se tanto nos mapas dêste jeógrafo de Henrique II, como no magnífico portulano de

¹ Vid. páj. 17 e seguintes.

² Childers, *op. cit.*, s. v. Cf. páj. 17 n. 2.

³ Camões diz positivamente:

..... Taprobana

(Que ora he Ceylão).....

L. X, estancia 107.

e nisto faz ver que o nome de Ceilão é posterior ao de Taprobana.

⁴ Richthofen, *China*, I, 640 e segs.

Carlos VI,¹ desta suposta Taprobana, a ilha de Ceilão cujo logar se marca com verdade.

O nome de *Taprobana*, ou em sâmscrito Tā m ra - pa r ṇ a, é como veremos um dos nomes indios mais antigos que se conhecem dados à ilha de Ceilão². O nome de Lankā parece ser aquele com que a conheceram já os primeiros Arias que da India para ali foram. Parece mesmo fora de dúvida que a ilha do Ceilão foi conhecida em remota antiguidade anterior à conquista árca. É provável até que os marinheiros, enviados pe'los Cuxitas e pe'los Sabeus a buscarem as preciosidades do Oriente para os seus emporios, tivessem aportado a Ceilão, e estabelecido ali uma das suas estações³.

Dos *Símhalas* fala já o Mahabárata como habitantes da ilha ao sul da India⁴.

Childers⁵ diz que os *Símhalas*, ou como hoje dizemos os *Singaleses*, são «únicamente os habitantes áricos de Ceilão, descendentes do povo emigrado de *Lala*, em *Magadá*, na

¹ Em poder do sr. Frederico Spitzer, em Paris—*Richthofen*.

² Quem primeiro demonstrou ser *Taprobánē* a forma grega da sanscritica foi Eujenio Burnouf em 1834. A memoria por ele então lida perante a Academia das Inscr. e B. Letras em Paris anda publicada no *Journal Asiatique*, janeiro 1851. Não pude lê-la porque falta todo êste ano na Bibl. da nossa Academia, e nunca me vein à posse exemplar do folheto separata.

³ A ter o verdadeiro valor histórico a concha de madrepérola comprada pelo sr. Sayce no Ejipto, poder-se-ia datar do tempo da 12.^a dinastia, e portanto cerca de 2400 anos antes de Cristo, o conhecimento das pérolas ceilonenses no Ejipto. (V. Terrien de Lacouperie in *The Babylonian & Oriental Record*, julho 1892, páj. 11 e nota 415 ibi. V. mais a nota 4 neste opúsculo a páj. 18). Acérca do comercio e navegação na mais remota antiguidade cito ao leitor curioso apenas três obras de grande valor: Lieblein, *Handel und Schiffart auf dem rothen Meere in alten Zeiten*, Runbury, *History of Ancient Geography*, Miss. Amelia Edwards, *Pharaohs, Fellahs and Explorers*.

⁴ *Sanskrit Wörterbuch*, s. v.

⁵ *Páli Dictionary*, s. v.

Índia, e para ali idos muitos séculos antes da nossa era». A capital de *Lala*, a *Larikē* dos Gregos, era *Sîha-pura* «a cidade dos Leões»¹.

Assentados estes conhecimentos históricos, podemos dar algumas lendas búdicas sôbre a orijem da civilização árica de Ceilão. Os elementos mitolójicos que nelas se encontram são comuns a outras lendas na Europa pe'lo que é de interêsse científico fazê-las conhecer.

¹ Lassen, *Indsch. Altrtmsk*, I., 105. Cf. *infra* a lenda que traduzi do *Dîpavamsa*, IX, ed. de Oldenberg.

III

Conquista da ilha de Lancá e fundação do novo reino Singalês ou dos Leões¹

1. Esta ilha de Lancá chamou-se depois *Sihalá*² (sīh alā) do nome de sīha (leão). Escutai, pois, vós, a narração da sua orijem, que eu vou contá-la.

2. A filha do rei de Vanga coabitou na floresta com um leão das selvas, em consequencia do quê nasceram dois filhos.

3. Eram duas crianças formosíssimas *Sihabáhu* e *Sivali*³; tinha a mãe nome Susimá⁴ e chamava-se o pai *Siha*.

4. Passadas dezaseis estações das chuvas abalou da caverna, e fundou a nobilíssima cidade de *Sihapura*⁵,

5. o filho de *Siha*; e poderoso rei no país de *Lala*, governou o grande reino na nobilíssima cidade de *Sihapura*.

¹ Segundo o capítulo IX da crónica páli Dipavamsa, edição de Oldenberg, 1879.

² Ou *Sihalão* (Sīh alā). Escrevo em itálico unicamente os nomes que interessam directamente a lenda dos homens-leões, ou para os cuais deva chamar a atenção do leitor.

³ Veja-se páj. 27.

⁴ «A perigrina beleza».

⁵ *sihapura* «cidade de sīha, i. e., do leão».

6. Trinta e dois irmãos foram a projenie do filho de *Siha*, e dêstes os mais velhos foram *Vijaia* e *Sumita*¹, ambos de extraordinaria beleza.

7. O jóven príncipe *Vijaia* foi audacioso e sem instrução, e praticou actos da maior perversidade e inexcedíveis extorsões.

8. Reuniram-se os homens do tráfico e todos os do país, e foram queixar-se ao rei dos crimes de *Vijaia*.

9. Ao ouvir as suas vozes clamorosas, o rei, tomado de cólera, ordenou aos ministros: «Expulsai êsse mancebo;

10. e todas essas escravas, mulheres e filhos, e parentes, e servidores de ambos os sexos, e artífices; expulsee-se toda essa jente.»

11. Então o expulsaram separando-o de todos os parentes, e meteram-nos a bordo dum navio e o navio singrou pe'lo mar fora.

12. «Que vão para onde os leve o seu desejo, e todos para mais não serem vistos, nem voltarem a morar em nosso reino, entre êste povo.»

13. O navio das crianças abordou sem govêrno² a uma ilha, à cual se deu o nome de *Nagadipa*³.

14. E sem govêrno abordou o navio das mulheres, a uma ilha a que se chamou *Mahilāraṭṭha* («reino das mulheres»).

15. O navio dos homens correndo sem destino pe'lo mar, perdido e sem rumo, foi dar ao porto de *Supara*⁴.

¹ Viḡaja «vitoria, triunfo». Cf. Victor. Sumitta em ser. sumitra «bom amigo», Cf. dummitra, ser. durmitra «mau amigo», no *Dipav.*, XXII, 70, 71.

² No texto lê-se avassakā que Oldenberg traduziu «helplessly» e eu traduzo «sem govêrno»; morfolójicamente o vocábulo é em ser. avaśjaka.

³ Naggadīpa = Nagnadvīpa em samscrito? «Ilha dos nós»? ou Nāgadvīpa?

⁴ O *Editor do Indian Antiquary*, anotou neste ponto a tradução do sr. Donald Ferguson do seguinte modo:—«See *Ind. Ant.* vol. XI, pp. 236, 247, 293, 294. It is evident from the mention of Bhāruka-

16. E como desembarcassem em Supara setecentos, fizeram-lhes então os Supáracas largo acolhimento e muitas honras.

17. Ao passo que assim eram recebidos, *Vijaiá* e a sua cohorte, todos esses estrangeiros, praticaram cruéis feitos,

18. tais a embriaguez, o roubo, o adultério, a traição, a aleivosia e o mais vil, imoral e horrível modo de proceder.

19. Irritaram-se os Supáracas com estes horrores de inexcedível crueldade e bárbara selvajaria, e resolveram: «Vamos depressa matar estes perversos».

20 Foi outr'ora Ojadipa, Varadipa, ou Mandadipa, e também denominada Lancadipa, a que se conhece por *Tāmbapāni*¹.

chchha (Bharuch) (V. 26) along with Suppāra, that the *Dīpavamsa* places Lāla on the west coast of India or in Gujarat, and the *Sinhapura* stated to be the capital may be Sīhor in Kāṭhiāwāḍ, about 18 miles south of the site of Valabhī, and the traditional capital of the Sinhha dynasty.» A isto devo acrescentar que Supara (Suppara) é um dos nomes de porto marítimo mais interessantes para a historia da antiga navegação ejiptica e das relações do Egipto com a India. O snr. Dr. Terrien de Lacouperie (in *The Babylonian & Oriental Record*, julho, 1892, páj. 11) depois de dizer que é possível que o comercio do Egipto com Ceilão existisse já ao tempo da XII.^a dinastia, acrescenta: «This sea trade was certainly active in the seventeenth century, as shown by the Indian products and later on they seem to have established colonies on the Indian coast, which they probably denominated by names which recall to mind those of their trading places westwards.» E em nota (417) dá exemplos destes nomes: «*Muziris* (mod. Cranganore) on the Malabar coast, and *Muza*, their own emporium in the Red Sea, or perhaps better, *Mitzir, Egypt*.—*Suppara* (mod. Wasai, North of Bombay), and *Zafar*, in Yemen, *Zabara* in the Persian gulf, *Sofala* on the African coast, all probably colonies from *Zafar*, the *Safar* of Gen. X, 30.»

¹ Em páli *Tāmbapāṇi*, como fica dito atrás.

21. Naquelle tempo em que *Sambuda*, o melhor dos homens, chegou ao *Parinibana*¹, êsse filho de *Sihabáhu*, o *Catiia*², *Vijaia*,

22. chegou a *Lancadipa*, depois de ter partido da terra de *Jambudipa*³. Tinha o excellente *Buda* profetizado: «O príncipe será o rei (de *Lancá*)».

23. Então o *Mestre*⁴ disse a *Saca*⁵, o Senhor dos Deuses: «não afastes o teu cuidado, *Cossia*⁶, de *Lancadipa*».

24. *Sujámpati*, o rei dos deuses, depois de ouvir esta deprecação de *Sambuda* encarregou *Upalavana*⁷ de proteger a ilha.

25. Ouvindo a ordem de *Saca*, o poderoso *Devaputa*⁷ com os *Parisas*⁸ foi proteger a ilha de *Lancá*.

¹ Em páli *parinibbāna* = sc. *pari-nirvāṇa*. Usa-se dêste termo para designar a morte do *sábio*, de *Buda*, ou de um *Arhat* «asceta e santo Budista». Neste lugar é de *Sambudha* do «Sábio por excellencia», aquele de quem propriamente dizemos *Buda*, *Gáutama* o *Buda*.

² *Khattija*, ser. *kṣatrija*, «xatria, guerreiro, príncipe».

³ Em scr. *ġambudvīpa* «o Continente dos jambus (*Eugenia Jambolana*)», um dos nomes da India, considerada como uma das 7 duipas em roda do Monte Méru.

⁴ Epíteto de *Gáutama* o *Buda*.

⁵ Em páli *sakka* = sc. *śakra* «poderoso», epíteto de *Indra*.

⁶ *Kosija* em páli = *Kauśika* em sc. epíteto de *Indra*.

⁷ *Devaputra* em sc. e em páli *Devaputta*. Aos habitantes do *Deva-loka* «paraíso» se atribuem os sexos masculino e feminino. *Devaputra* é um ente celestial do sexo masculino. Aqui é *Uppalavanna*, i. e. *Vānu*, deus na religião brahmânica, arcanjo na religião búdica. Há o arcanjo do sexo feminino (*devadhītā*) cujo nome é fácil de confundir com *Uppalavanna*, é *Uppalavannā*, *name of an eminent nun who was one of Gautama's aggasāvikās* (Dh. 213), diz Childers, s. v. *uppalā*, citando o *Dhamma-pada*, de *Fausbøel*. Podemos citar mais a crónica, de que vamos traduzindo, *Dīpavāsa* XVII. 9, e *Vinajapitaka*, *Kullavagga*, X, 8. *Aggasāvikā* em samscrito *agraśrāvīkā* «principal discípula», de *Buda*. como as *Mariás* do Nazareno. As duas de *Gáutama* foram *Khemā* e *Uppalavannā*, além de outras secundarias.

⁸ Anjos sob o comando de um arcanjo.

26. Depois de ter estacionado em Barucacha¹ e exasperado os habitantes, *Vijaia*, voltou para o navio.

27. Entrado que foi com a sua coorte a bordo, fizeram-se ao mar, e logo um vento furioso lhes fez perder de vista as costas.

28. Arribaram a Lancadipa, onde desembarcaram, e foram para terra. Mas em terra firme sentiram-se exaustos de fome, de sede e de cansaço; mal podiam andar.

29. Foram de gatinhas, com pés e mãos, e nestes entretimentos levantaram-se e puseram-se de pé e viram as mãos² resplandecentes.

30. O pó excessivamente vermelho daquela terra cobria-lhes os braços e as mãos; e disto provém chamar-se a aquele sitio *Tambapañni*².

31. A primeira cidade na afamada Lancadipa foi *Tambapáni*; e ali residente governou *Vijaia* o seu reino.

32. *Vijaia* e *Vijita* e com eles *Anuradanacata*, *Achutagámi* e *Upatissa* foram os primeiros que vieram a estas terras³.

33. Acorreu grande multidão de homens e mulheres, e um *Catiia* (xatria) levantou cidades aqui, outro acolá em todo o país.

34. *Vijaia* levantou a cidade de *Tambapáni*, com suas vizinhanças, na margem sul do rio no logar mais aprazível.

35. *Vijita* levantou a cidade a que deu seu nome, e ainda a de *Uruvela*; e o ministro, que do asterismo *Anurada* tira o nome, fundou a cidade de *Anurada*.

36. Aquele cujo nome foi *Achutagámi* fundou *Ujeni*, *Upatissa* a *Upatissa* cidade de belas praças, opulenta, vasta, de grande prosperidade e deleitosa.

¹ Veja-se nota 4 páj. 18-19.

² *Pāñi* em páli e em sâmscrito; note-se a etimología popular, tirada dêste vocábulo para *Tambapañni*, que escrevemos apertuguesadamente *Tambapáni* nome da ilha de *Taprobana*, como fica dito.

Cf. Oldenberg, páj. 56 com páj. 162.

37. Foi o primeiro rei da famosa Lancadipa o rei *Vijaia* em *Tambapáni*.

38. Passados sete anos do seu reinado tinha para ali ido muita jente. O seu reinado foi de trinta e oito anos.

39. Em o nono mês de *Sambuda* os Iacas ficaram destruídos; em o quinto ano de *Sambuda* o *Jina*¹ venceu os *Nagas*²; no oitavo ano de *Sambuda* completou-se a *Samāppati*³.

40. Em todas estas três ocasiões *Tatágata*⁴ veio aqui. No último ano de *Sambuda*, *Vijaia* veio aqui.

¹ É aqui Buda.

² I. e., consolidou-se o budismo.

³ *Samāpatti* é um estado de ascetismo búdico. Childers, *Dic. páli*, s. v. explica: «attainments, endowments, which are eight successive states induced by the ecstatic meditation.» A explicação de Burnouf (*Lotus de la bonne loi*, páj. 348-9) parece-me exacta: A *samāpatti* é o estado moral a que se chega pela *samādhi*; *samādhi* é uma das condições para ser-se asceta perfeito, é uma das perfeições dêsse asceta; e estas perfeições são — *ghāna* «a meditação profunda», *vimokha* «o libertamento, desprendimento da paixão», *samādhi* «trancullidade perfeita», *samāpatti* «o doce gôzo, a suave delicia, a ventura calma e santo resultado das perfeições superiores». É o aniquilamento de toda dor e de todo prazer de toda sensação física e o embebecimento extático na contemplação indifferente ao mundo exterior.—Os oito estados successivos são como que passagens, graus de aquisição progressiva de cada uma daquelas perfeições. Veja-se em Burnouf, *Lotus*, páj. 789.

⁴ «Gautama Buda frequently in the Suttas speaks of himself as the *Tathāgata*, and the epithet is analogous to that of Son of Man applied to himself by Jesus Christi». Childers, *Pali Dict.*, s. v. Mas quere-me parecer que êste nome de *Tathāgata*, composto de *Tathāgatha* «vindo assim (como os outros Budas)», significa «um redentor». —Dois anos depois de eu haver escrito esta nota li a páj. 84, n. 3, do tómo v da *Revue de l'Histoire des Religions*, num artigo do snr. Kern, o seguinte: *Tathāgata* est manifestement un synonyme de *sougata*; *tathā* a ici le même sens que *tathya*, *yathā-tathā*, *vitatha*, par fait, ne péchant pas, et *sou* signifie bon. L'un et l'autre peut se traduire par habile, brave, vertueux, de sorte que

41. *Sambuda*, o melhor dos homens, tornou a ilha de Lancá propria para habitação de homens; e pe'la a n u - p ā d i s e s ā ⁴ extinguiu-se em todos os seus *úpadis* (u p a - d h i) ⁵.

42. O Catiia reinou trinta e oito anos depois do *Parinibána* de *Sambuda*, o Senhor fulgurante da verdade;

43. e enviou a *Sihapura* um mensageiro a *Sumita*: «Vinde breve para nós para esta magnífica Lancadipa.

44. Não há quem me suceda na governação depois da minha morte; cedo a vosso favor esta ilha que por meu valor conquistei».

l'on peut rendre Tathâgata et Sougata par impeccable, qui ne faillit jamais.»

Tathâgata é com effeito aquelle que «ficou isento de paixão, apagou o peccado, e se eximiu à tentação». Assim pois, ou o vocabulo se explique por uma forma ou por outra (que ambas convêm), *Tatâgata* é pe'lo ensinamento, um redentor.

⁴ Aniquilamento completo pe'la perda dos cinco elementos do ser.

⁵ *Substrata corporis*, i. e., entrou em o *Nibbâna* (*Nirvâna* em sâmscrito) completo, ou *Parinibbâna*.

IV

O príncipe Simhala salvo pe'lo cavalo májico ¹

Siṃhala, fils du marchand Siṃha, s'étant embarqué pour aller à la recherche des pierres précieuses dans une île éloignée, est assailli en approchant de Tâmradvîpa (la même que Tâmraparṇa, la Taprobane des anciens), par une tempête que soulèvent les Râkchasîs, Divinités mal-faisantes qui habitent cette île. Il fait naufrage avec ses compagnons, et parvient en nageant jusqu'au rivage, où paraissent les Râkchasîs qui sous la figure de belles femmes entraînent les marchands à se livrer au plaisir avec elles. Siṃhala, après avoir passé la nuit dans les bras d'une de ces femmes, apprend de la lampe qui les éclaire, qu'il est tombé entre les mains d'une ogresse dont il sert les plaisirs et qui doit le dévorer. Il est averti que d'autres marchands naufragés comme lui ont été, depuis son arrivée, jetés dans une prison d'où les Râkchasîs les tirent chaque jour pour se repaître de leur chair. Instruit par les révélations de la lampe, il se rend avec ses compagnons sur le rivage, où lui apparaît un cheval miraculeux qui doit le

¹ Lenda búdica ácêrca da orijem do nome de Ceilão. Redacção sucinta de Landresse, tirada do texto de Hiuan-Tsam, *apud* Burnouf, *Introduction à l'Histoire du Buddhisme*, 1.^a ed., páj. 223 e segs. Cf. neste opúsculo páj. 35 e segs.

transporter hors de l'île. Mais il faut qu'il se garde de retourner la tête en arrière; celui qui se laissant toucher par les larmes des Râkchasis, jettera un seul regard sur le rivage, est condamné à tomber dans l'océan, où l'attendent les ogresses pour le mettre à mort. Les compagnons de Siñhala consentent de grand cœur à quitter l'île avec lui; mais infidèles à leurs promesses, ils prêtent l'oreille aux plaintes des femmes qu'ils abandonnent, et disparaissent l'un après l'autre, dévorés par les Râkchasis. Siñhala seul échappe; et malgré les poursuites de la femme qu'il a laissée dans l'île, le cheval merveilleux le transporte dans l'Inde.

La Rakchasi aux mains de laquelle Siñhala vient d'échapper, séduit le roi Siñhakêçarin, et pénètre dans ses appartements intérieurs. Secondée par les autres démons qu'elle appelle de l'île Tâmradvîpa, elle devore le roi et sa famille. Siñhala, qui seul sait expliquer ce désastre, est proclamé roi; et il prend la résolution d'aller anéantir les Râkchasis de l'île, pour y répandre le culte des Trois objets précieux. Les démons se retirent dans une forêt; et à partir de cet événement, le pays nommé autrefois Tamradvîpa prend le nom de Siñhaladvîpa.

Completa-se esta lenda com a seguinte pe'la cual sabemos a orijem dos *Símhala*s.

Orijem do reino de Simha (Leão) segundo o Mahavamsa ¹

Era uma vez um rei que governava em Banganágara na terra dos Bangas, e cuja mulher era filha do rei de Calinga. Tinham eles uma filha mui formosa que um dia, andando a passear sozinha, encontrou uma caravana, que seguia viagem para Magadá, e a acompanhou incógnita. Chegados à terra de Lala foram os viajantes separados uns dos outros por um leão.

A filha do rei, lembrando-se estar-lhe profetizado que ela havia de coabitar com um rei dos animais, acariciou o leão, e êste levou-a para a caverna, e ali nasceram ambos um filho com pés e mãos de leão e uma filha. A mãe então deu-lhes os nomes de *Simhabáhu* «braços de leão» e *Simhavalí* «vergontea de leão».

Quando o filho completou dezaseis anos contou-lhe a mãe a sua orijem; e ele aproveitando-se da ausencia do leão tomou a mãe e irmã às costas, e levou-as para uma aldeia vizinha onde Anura, filho de um seu tio materno, comandante em chefe dos exércitos de Banga, estava encarregado de vijiar os trabalhos dos habitantes da aldeia.

¹ Lassen, *Indische Alterthumskunde*, 2.^a ed., vol. II, páj. 103 e segs. Cf. neste opúsculo páj. 31 e segs.

Recebeu-os o tio em casa, e vestiu-os, e deu-lhes de comer em folhas de árvores. Os vestidos tornaram-se logo de riquíssimos tecidos, e as folhas mudaram-se em vasos de ouro. Estupefacto deante de tais maravilhas perguntou aos hóspedes de que estirpe eram descendentes, o que a mãe logo lhe contou. Levou-os ele então para a capital de Banga e tomou a menina para sua mulher.

Quando o leão voltou à caverna, procurou os filhos, e como os não achasse entrou pe'las aldeias afujentando os moradores. Estes foram queixar-se ao rei fazendo-lhe ver o perigo que corriam. Como o rei não encontrasse ninguém capaz de agarrar o leão, por duas vezes ordenou que se desse recompensa mais subida a quem lhe desse caça. Duas vezes a mãe de *Simhabáhu* prohibiu a êste que se envolvesse no negocio; mas, à terceira, *Simhabáhu* offereceu-se, sem pedir primeiro o consentimento à mãe, e o rei prometeu dar-lhe o reino se ele conseguisse prender o leão.

Simhabáhu foi então procurar o leão na caverna, atravessou-o com uma frecha e voltou para a capital do reino com a cabeça da fera. O rei tinha morrido, sem sucessão, havia sete dias. Os ministros, conhecedores de que ele era neto do rei e sua mãe a filha, e maravilhados por tal feito, reuniram-se em conselho, e unánimes solicitaram-lhe que fôsse ele o rei; *Simhabáhu* aceitou o reinado, mas cedeu o reino ao que fôsse marido de sua mãe, e regressou com a irmã ao país natal. Ali fundou, no reino de *Lala*, a cidade de *Simhapura* e aldeias pe'los descampados, e casou-se com a irmã. Esta teve dezaseis vezes filhos jemeos, dos cuais *Vijaia* foi o mais velho e o segundo *Sumitra*, e ao mais velho nomeou o pai, quando ele chegou à idade competente, *uparaja* («príncipe herdeiro»).

Esta lenda tem evidentemente analogia muito notável com a de Édipo.

A lenda de Simhabáhu foi também conhecida pe'lo Peregrino chinês. Hiuan-Tsam ¹ relata-a no livro XI cuando trata do Reino de Seng-Kia-Lo (transcr. de Stanislas Julien), i. e., de Sîhala.

Aqui reproduzimos essa lenda e por inteiro a lenda dos Raxasis e do cavalo-májico, em linguaagem francesa pe'la autoridade do grande sinólogo. ♦

¹ *Mémoires sur les Contrées Occidentales*, traduits du sanscrit en chinois, en l'an 648 par Hiouen-Tsang et du chinois en français par M. Stanislas Julien, II, 125-140.

VI

Origem do reino de Simhala A lenda das Raxasis e do Cavallo-májico segundo Hiuan-Tsam

Dans l'origine, ce royaume s'appelait P'ao-tchou¹, parce qu'on y trouvait beaucoup de choses précieuses; des démons et des esprits y avaient fixé leur séjour.

Dans la suite des temps, il y eut un roi de l'Inde méridionale dont la fille avait été fiancée à un prince d'un État voisin. Un jour heureux, comme elle se rendait en cortège, auprès de son époux, elle rencontra un lion au milieu de la route. Les gens qui formaient son escorte l'abandonnèrent pour échapper au danger. Restée seule sur son char, elle aurait été heureuse de quitter la vie. En ce moment, le roi-lion prit la jeune fille sur son dos et disparut. Il s'enfonça dans les gorges des montagnes, et se fixa dans de sombres vallées. Il prenait des cerfs et cueillait des fruits, et la nourrissait suivant les saisons. Après un certain nombre de mois et d'années, elle mit au monde un garçon et une fille. Pour le corps et la figure, ils ressemblaient à des hommes; mais ils avaient le naturel des bêtes fauves. Le garçon grandit peu à peu; il était telle-

¹ Le mot *P'ao-tchou* (Ratnadvipa) signifie «île des choses précieuses». Les auteurs chinois mentionnent le cristal de roche, les perles, etc. qu'on tirait de Ceilan.

ment fort, qu'il domptait les animaux féroces. A l'âge de vingt ans, il se sentit tout à coup éclairé par l'intelligence humaine. Il interrogea alors sa mère, et lui dit :

«Que suis-je? Mon père est une bête sauvage, et ma mère est une femme! Puisque vous n'étiez point de la même espèce, comment avez-vous pu vous unir ensemble?»

La mère raconta alors à son fils son ancienne aventure. «Les hommes et les animaux, dit le fils, ont des voies différentes; il faut nous enfuir au plus vite.»

— «Je m'étais déjà enfuie, repartit la mère, mais je n'ai pu subvenir seule à mes besoins.»

Depuis ce moment, le fils suivit le lion, son père; il gravissait des montagnes, franchissait de hauts sommets, et observait ses courses et ses gîtes habituels pour échapper au danger.

Ayant épié un jour le départ de son père, il prit sur son dos sa mère et sa sœur, descendit avec elles et courut dans un village. «Mes enfants, dit la mère, il faut que chacun de vous garde un profond secret; ne divulguez point votre origine, car si quelqu'un venait à l'apprendre, on nous repousserait avec mépris.»

Là-dessus, elle se rendit dans le royaume de son père; mais ce royaume n'appartenait plus à sa famille, et les sacrifices de ses ancêtres étaient éteints. Elle se réfugia alors dans un village. Les habitants lui dirent: «De quel royaume êtes-vous?»

— «Je suis, dit-elle, originaire de ce royaume. Après avoir longtemps erré dans des contrées étrangères, j'ai voulu revenir avec mes enfants dans mon pays natal.»

Tous les hommes furent émus de pitié, et leur fournirent, tour à tour, de quoi subsister. Quand le roi-lion fut revenu, il ne trouva plus personne. Pensant avec affection à son fils et à sa fille, il se sentit transporté de colère et de rage. Il sortit aussitôt des montagnes et des vallées, et parcourut, en tous sens, les bourgs et les villages. Pousant d'affreux rugissements, il se déchaînait avec fureur sur les hommes et immolait les créatures vivantes. Les habi-

tants des villages sortirent tout à coup pour le prendre et le tuer. S'armant d'arcs et de javelots, ils se réunirent en troupe, au bruit du tambour et des conques marines, afin d'échapper au danger qui les menaçait. Le roi craignit que l'influence de son humanité ne fût pas assez répandue. Il organisa alors une grande chasse pour prendre le lion. Il se mit lui-même à la tête des quatre corps d'armée. Ses troupes, qui se comptaient par dizaines de mille, investirent les bois et les jungles, et franchirent les montagnes et les vallées.

Comme le lion poussait d'affreux rugissements, les hommes et les animaux¹ s'enfuirent épouvantés.

Le monstre n'ayant pu être pris, le roi fit aussitôt un nouvel appel au peuple, promettant à celui qui capturerait le lion et délivrerait son royaume de ce fléau, de le combler de récompenses, et de signaler avec éclat cet exploit glorieux.

Dès que le fils du lion eut entendu proclamer ce décret du roi, il parla ainsi à sa mère : « Nous souffrons trop de la faim et du froid ; il faut que je réponde à l'appel du souverain ; peut-être obtiendrai-je de quoi vous soulager et vous nourrir. »

— « Ne parlez pas ainsi, répartit sa mère ; quoique ce-lui-là soit un animal, cependant c'est votre père. Pourriez-vous, à cause de la misère qui nous accable, lever contre lui un bras dénaturé ? »

— « Les hommes et les animaux, répondit de fils, sont d'une espèce différente : où est l'obligation d'observer ici la justice et les rites ? Puisque j'y vois un empêchement absolu, que pourrais-je espérer de ces beaux sentiments ? »

A ces mots, il cacha dans sa manche un poignard, et sortit pour aller répondre à l'appel du roi. Dans ce moment, mille soldats et dix mille cavaliers étaient rassem-

¹ Os cavalos e os elefantes de que se compunha o exército do rei.

blés en foule¹. Le lion était accroupi au milieu de la forêt, et personne n'osait l'approcher. Le fils s'étant avancé en face de son père, celui-ci s'adoucit aussitôt et se coucha, et, par un sentiment d'affection profonde, il oublia toute sa fureur. Le fils lui plongea alors son poignard dans le cœur; mais il conserva encore la même tendresse, et ne montra ni haine ni colère; et quand son ventre eut été ouvert, il expira au milieu des plus cruelles souffrances.

Le roi s'écria: «Quel est cet homme, qui fait des choses si extraordinaires?»

Séduit par des promesses de fortune et ébranlé par la crainte du malheur, il raconta son histoire de point en point, et exposa la vérité dans tous ses détails.

«Quelle conduite impie! s'écria le roi. S'il a osé tuer son père, à plus forte raison (tuerait-il) des étrangers². Les animaux sauvages sont difficiles à apprivoiser, et leurs instincts féroces se réveillent aisément. En arrachant mon peuple à la mort, il a certainement rendu un grand service; mais, en tranchant les jours de son père, il a commis une odieuse rébellion. Je lui accorderai une grande récompense pour payer ses exploits, et je l'exilerai au loin pour punir son crime. Alors les lois du royaume ne seront point violées, et le roi n'aura pas manqué à sa parole.»

Là-dessus, il fit équiper deux grands vaisseaux, où l'on embarqua une quantité de vivres. La mère resta dans le royaume et l'on pourvut à tous ses besoins, pour récompense du service rendu. Le fils et la fille montèrent chacun sur un des navires, et s'abandonnèrent au gré des flots. Le vaisseau du fils, après avoir vogué quelque temps, aborda dans cette île de *P'ao-tchou*. Voyant qu'elle abon-

¹ Littéralement: étaient rassemblés comme des nuages, réunis comme des vapeurs.

² En chinois, — *patrem ipsum occidit, multo magis non-consanguineos.*

dait en pierres précieuses¹, il prit le parti de s'y établir. Dans la suite, des marchands revinrent dans cette île pour recueillir des pierres précieuses. Il tua le chef des marchands, et retint leurs fils et leurs filles. Ce fut de cette façon qu'il multiplia sa race. Sa postérité étant devenue fort nombreuse, le peuple nomma un prince et des ministres pour gouverner les hommes d'un ordre supérieur et des classes infimes. Le roi fonda une capitale, fit bâtir des villes, et se rendit maître de tout le territoire. Comme le premier auteur de sa famille avait pris un lion, il donna à son royaume un nom dérivé de cet ancien exploit².

Le vaisseau qui portait la jeune fille aborda à l'ouest de *Po-la-sse* «la Perse». Ayant eu commerce avec des esprits et des demons, elle mit au monde un grand nombre de filles; de là vient le nom actuel de *royaume des femmes d'Occident*. C'est pourquoi les hommes du *royaume du lion* sont de petite taille et de couleur noire. Ils ont le menton carré et le front large; leur caractère est farouche, et ils se livrent de sang-froid aux actes les plus cruels. Ces hommes descendent pareillement d'une bête féroce; aussi sont-ils la plupart forts et courageux. Telle est du moins l'une des opinions reçues.

Voici ce que rapportent les mémoires bouddhiques³. «Jadis cette île de *P'ao-tchou* (*Ratnadvîpa*) était habitée

¹ Il y a, en chinois, *Tchin-yu* «du jade précieux», dans le genre du jade nuancé de blanc et de noir qu'on tirait du pays de *Lan-thien* (*Péi-ven-yun-fou*, liv. XCI, fol. 33). Mais comme les auteurs chinois citent particulièrement le cristal (*Chouï-tchang*) et les pierres précieuses (*P'ao-chi*) de Ceylan, je crois qu'il vaut mieux employer ici le terme général de *pierres précieuses*.

² Il l'appela *Sîñhala*, non formé de *Sîñha* «lion» et de *là* «prendre»; en chinois, *Tchi-sse-tseu-koue* «le royaume de celui qui a pris un lion».

³ Littéralement: la loi du *Bouddha* rapporte, c'est-à-dire, voici ce que rapportent, à ce sujet, les mémoires qui traitent de la loi du *Bouddha*.

par cinq cents filles de *Lo-thsa*¹ (des *Râkchasis*), qui occupaient une grande ville construite en fer. Au sommet d'un pavillon qui dominait les murs, elles avaient dressé deux drapeaux d'une grande hauteur, pour signaler les événements heureux ou malheureux. Selon qu'ils étaient favorables ou funestes, on voyait s'agiter le drapeau d'heureux ou de sinistre augure. Elles épiaient constamment les marchands qui abordaient dans l'île de *P'ao-tchou*, et, se changeant en femmes d'une grande beauté, elles venaient au-devant d'eux avec des fleurs odorantes et au son des instruments de musique, leur adressaient des paroles bienveillantes et les attiraient dans la ville de fer. Alors elles leur offraient un joyeux festin et se livraient au plaisir avec eux ; puis elles les enfermaient dans une prison de fer et les mangeaient l'un après l'autre.

«A cette époque, il y eut un grand chef de marchands de l'Inde, nommé *Seng-kia*, dont le fils s'appelait *Seng-kia-lo* (*Siñhala*). Son père étant devenu vieux, il dirigea, à sa place, les affaires de sa maison. Un jour, il s'embarqua avec cinq cents marchands pour aller recueillir des pierres précieuses, et, poussé par les vents et les flots, il arriva, par hasard, dans l'île de *P'ao-tchou*.

«En ce moment, les *Râkchasîs* voyant s'agiter, dans le lointain, le drapeau d'heureux augure, allèrent au-devant d'eux avec des fleurs odorantes et des instruments de musique, et les attirèrent dans la ville de fer. Le chef des marchands y ayant rencontré la reine des *Râkchasîs*, se livra avec elle à la joie et au plaisir. Les autres marchands prirent chacun une compagne, et, au bout d'un an, ils eurent tous un fils. Les *Râkchasîs* s'étant dégoûtées de leurs maris, voulurent les enfermer dans la prison de fer, et épiaient encore d'autres marchands.

¹ *Lo-thsa* est la transcription de *Rakchas*, sorte de démon. *Râkchasî* est le féminin de *Rakchas* (Wilson).

«En ce moment, *Seng-kia-lo* (Siñhala) eut, la nuit, un mauvais songe, et, reconnaissant qu'il n'était pas d'heureux augure, il chercha à s'en retourner. Étant arrivé, par hasard, à la prison de fer, il entendit des cris lamentables. Il monta aussitôt sur un arbre élevé. «Qui est-ce qui vous tient enchaînés, demanda-t-il, et pourquoi poussez-vous ces plaintes douloureuses?»

— «Vous ne savez donc pas, répondirent les marchands, que les femmes qui habitent cette ville sont toutes des *Râkchasîs*? Jadis elles nous ont attirés dans la ville pour y goûter le plaisir; mais, lorsque vous alliez arriver, elles nous ont jetés dans une obscure prison, et nous dévorent l'un après l'autre. Plus de la moitié a déjà péri; sous peu, vous et vos compagnons subirez aussi le même malheur.»

— «Par quel stratagème, reprit *Seng-kia-lo* (Siñhala), pourrions-nous échapper à cet affreux danger?»

— «Nous avons appris, répondirent-ils, que, sur le bord de la mer, il y a un cheval divin, et que, si un homme le prie avec une sincérité parfaite, il ne manque jamais de le passer à l'autre rive.»

«A ces mots, *Seng-kia-lo* (Siñhala) dit secrètement aux marchands: «Regardez tous ensemble vers le rivage de la mer, et implorez son secours avec ferveur.»

«Au même instant, le cheval divin arriva, et leur dit: Que chacun de vous saisisse ma crinière, sans regarder derrière lui; je vous ferai traverser la mer. Après avoir échappé au danger, vous reverrez le *Tchen-pou-tcheou* (Djamboudvîpa), et vous arriverez heureusement dans votre royaume natal.»

«Les marchands obéirent à ses ordres, et, s'y appliquant uniquement, sans partager leur attention, ils saisirent sa crinière. Le cheval divin s'élança au milieu des nuages, traversa la mer et arriva au bord opposé.

«Les *Râkchasîs* s'aperçurent sur-le-champ de la fuite de leurs époux, et se demandèrent entre elles avec surprise comment ils avaient pu s'échapper. Chacune d'elles prit son fils, et se mit à parcourir les airs. Sachant que les

marchands allaient bientôt quitter le rivage de la mer, elles se concertèrent ensemble, et, d'un vol rapide, elles allèrent les chercher au lion. En moins d'une heure, elles rencontrèrent les marchands, et les abordèrent les yeux en larmes, avec un sentiment de douleur et de joie. Alors, cachant leurs pleurs, elles leur dirent : « Nous vous retrouvons avec une douce émotion, et nous sommes heureuses de nous réunir à nos époux. Depuis longtemps, chaque couple vivait heureux et goûtait les douceurs d'un amour mutuel ; mais aujourd'hui vous vous éloignez et nous laissez dans l'abandon. Vos épouses restent veuves et vos fils orphelins ! Qui pourrait supporter la douleur qui nous accable ? Veuillez, de grâce, arrêter sur nous vos regards, et retourner avec nous dans la ville. » Mais les marchands ne consentirent pas encore à revenir sur leur résolution.

« Les *Râkchasîs*, voyant leurs paroles inutiles, eurent recours aux plus habiles flatteries, et déployèrent les plus perfides séductions.

« Les marchands, toujours pleins de tendresse et d'attachement, éprouvèrent une émotion difficile à surmonter. Au fond du cœur, ils hésitaient à partir ou à rester ; mais, à la fin, ils succombèrent tous. Les *Râkchasîs* se félicitèrent mutuellement de leur succès. Elles donnèrent la main aux marchands, et s'en revinrent avec eux. *Seng-kia-lo* (*Siñhala*), qui était doué d'un esprit ferme et d'une intelligence profonde, ne laissa pas enchaîner son cœur. Il put ainsi traverser la vaste mer et échapper au danger. Dans ce moment, la reine des *Râkchasîs* étant revenue seule dans la ville de fer, les autres femmes lui dirent : « Vous êtes dénuée de prudence et d'adresse, et, en effet, vous voilà abandonnée de votre époux. Puisque vous avez si peu de talent et de capacité, il ne convient pas que vous demeuriez ici ».

« La reine des *Râkchasîs* prit alors son fils, et se rendit en toute hâte auprès de *Seng-kia-lo* (*Siñhala*). Elle déploya toutes ses caresses et ses séductions, et le pria tendrement de revenir avec elle. Mais *Seng-kia-lo* (*Siñhala*) prononça

des paroles magiques, et, brandissant un glaive acéré, il lui dit d'un ton courroucé: «Vous êtes une *Râkchasî*, et moi je suis un homme! Les hommes et les démons ont des voies différentes; vous ne pouvez être mon épouse. Si vous me fatiguez encore par vos instances, je vous trancherai la tête».

La *Râkchasî*, reconnaissant l'inutilité de ses séductions, s'élança dans les airs et disparut. Elle se rendit dans la maison de *Seng-kia-lo* (Siñhala), et dit à *Seng-kia* (Siñha), son père: «Je suis la fille d'un roi de tel royaume; *Seng-kia-lo* (Siñhala) m'a épousée, et je lui ai donné un fils. Nous retournions dans mon royaume natal, chargés d'objets précieux; mais, en voguant sur les mers, nous avons été assaillis par la tempête, et, après une navigation des plus périlleuses, c'est à grand' peine que moi, mon fils et *Seng-kia-lo* (Siñhala), nous avons pu aborder au rivage. Arrêtée sur ma route par les montagnes et les rivières, mourant de froid et de faim, et accablée de souffrance, je laissai échapper un mot qui déplut à mon mari, et je me vis aussitôt abandonnée. Prenant alors un ton injurieux, il me traita de *Râkchasî*¹. Si je veux m'en retourner, un immense intervalle me sépare des États de mon père; si je reste, je suis seule et délaissée sur une terre étrangère. Que j'avance ou recule, je me trouve sans appui. J'ose exposer devant vous la vérité des faits».

— «Si ce que vous dites est vrai, répondit *Seng-kia* (Siñha), il est juste que je vous reçoive immédiatement».

«Il n'y avait pas longtemps qu'elle demeurait dans sa maison, lorsque *Seng-kia-lo* (Siñhala) arriva.

«Pourquoi, lui dit son père, avez-vous préféré les richesses et les choses précieuses à votre femme et à votre fils?»

— «Mon père, dit *Seng-kia-lo* (Siñhala), cette femme est une *Râkchasî*».

«Il raconta alors son ancienne aventure à son père et

¹ Le texte donne *Lo-lhsa* (Rakchas). J'ai dû adopter le féminin.

à sa mère. A ce récit, tous ses parents et ses alliés se mirent à la chasser. La *Râkchasî* alla aussitôt porter plainte au roi, qui voulut châtier *Seng-kia-lo* (Siñhala). «La plupart des filles des *Rakchas*, dit *Seng-kia-lo* (Siñhala), exercent sur les hommes une fascination diabolique».

«Le roi n'en voulut rien croire, et, séduit par la beauté de la *Râkchasî*, il dit à *Seng-kia-lo* (Siñhala):

«Puisque vous voulez absolument abandonner cette femme, je la garderai aujourd'hui dans mon palais intérieur¹».

— «Je crains fort, reprit *Seng-kia-lo* (Siñhala), qu'elle ne vous cause de grands malheurs; car, comme elle est de la race des *Rakchas*, elle ne se nourrit que de chair et de sang».

«Le roi, sourd à ces avis, l'admit aussitôt au nombre de ses femmes. Quelque temps après, au milieu de la nuit, elle retourna en toute hâte à l'île de *P'ao-tchou*, et appela les cinq cents autres démons femelles de la race des *Rakchas*. Quand elles furent arrivées ensemble dans le palais du roi, à l'aide d'affreux maléfices, elles en firent périr tous les habitants. Elles dévorèrent la chair et burent le sang des hommes et des animaux, et s'en revinrent, avec les restes de leurs cadavres, dans l'île de *P'ao-tchou*.

«Dès que le jour eut paru, les ministres se réunirent pour assister à l'audience du matin; mais la porte du roi était fermée et ne pouvait s'ouvrir. Après une longue attente, comme ils n'entendaient aucune voix humaine, ils enfoncèrent les portes et entrèrent précipitamment l'un après l'autre. Dès qu'ils furent arrivés dans l'intérieur du palais, ils ne virent aucun homme vivant, et ne trouvèrent que des os rongés. Les magistrats se regardèrent face à face, sans savoir que résoudre, et poussèrent des cris douloureux.

¹ Ce palais appelé tantôt *Heou-kong* «posterior palatium», tantôt *Tchong-kong* «medium palatium», répondait au harem des musulmans.

«Comme personne ne pouvait deviner la cause d'un tel désastre, *Seng-kia-lo* (Siñhala) la leur raconta de point en point. Tous les sujets du roi reconnurent qu'il s'était attiré lui-même son propre malheur. Alors les ministres du royaume, les hommes d'État mûris par l'âge, les magistrats et les vieux généraux interrogèrent successivement les hommes d'un mérite éclatant pour élever le plus digne au faite des honneurs (le placer sur le trône). Comme ils admiraient tous la vertu et la prudence de *Seng-kia-lo* (Siñhala), ils délibérèrent ensemble et dirent : «Le choix d'un prince ne saurait se faire à la légère. Il faut d'abord qu'un homme soit doué de vertu et de prudence, et qu'ensuite il possède une intelligence remarquable. En effet, s'il manquait de vertu et de prudence, il ne pourrait jouir longtemps du pouvoir suprême ; s'il manquait d'intelligence et de lumières, comment pourrait-il diriger les affaires de l'État ? *Seng-kia-lo* (Siñhala) réunit tous ces avantages. Il a découvert en songe la cause du malheur ; par l'effet de sa vertu, il a rencontré un cheval céleste, et a loyalement averti le roi du danger. Par sa prudence, il a su sauver ses jours ; c'est lui que l'ordre des temps appelle au trône».

«À peine cette résolution eut-elle été proclamée, que la multitude du peuple l'éleva avec joie aux honneurs, et lui décerna le titre de roi. *Seng-kia-lo* (Siñhala) refusa ; mais ce fut en vain. Alors, tenant fidèlement un juste milieu, il salua avec respect tous les magistrats, et monta aussitôt sur le trône. Dès ce moment il corrigea les anciens abus, et prit pour modèles les hommes sages et vertueux. Il rendit alors un décret ainsi conçu : «Mes anciens compagnons de commerce se trouvent encore dans le royaume des *Rakchas* (démons) ; j'ignore s'ils sont morts ou vivants, et ne puis distinguer le bien du mal¹. Maintenant je veux les arracher au danger ; il faut que j'équipe une armée.

¹ C'est-à-dire, reconnaître clairement s'ils sont heureux ou malheureux.

Sauver les hommes du péril et compatir à leurs misères, c'est le bonheur du royaume; recueillir des choses précieuses et les mettre en réserve, c'est la fortune de l'Etat.»

«Sur ces entrefaites, il passa ses troupes en revue, s'embarqua avec elles et partit. En ce moment, au-dessus de la ville de fer, s'agit tout à coup le drapeau de mauvais augure. A cette vue, toutes les *Rakhasîs* furent saisies de terreur. Alors, déployant leurs flatteries les plus séduisantes, elles allèrent au-devant des troupes pour les attirer et les tromper. Mas le roi, qui connaissait depuis longtemps tous leurs artifices, ordonna à ses soldats de prononcer des paroles magiques, et de montrer, avec un élan impétueux, la puissance de leurs armes.

«Toutes les *Rakhasîs* tombèrent à la renverse et furent honteusement vaincues. Les unes s'enfuirent et se cachèrent dans les îles, les autres se précipitèrent dans la mer et s'y noyèrent. Le roi détruisit alors la ville et la prison de fer. Après avoir délivré les marchands, il trouva une grande quantité de choses précieuses. Il appela le peuple et transporta sa résidence dans l'île de *P'ao-tchou*. Il fonda une capitale, bâtit des villes, et se trouva bientôt en possession d'un royaume. Par suite de ces événements, le nom du roi devint celui du royaume. L'histoire de *Seng-kia-lo* (Siñhala) se rattache aux anciennes naissances de *Chi-kia-fo* (Çakya Tathâgata)¹.»

¹ Une autre édition porte *Teh'ou* «locus», au lieu de *Sse* «affaire, événement». Si l'on adopte cette leçon, il faudra traduire : *Siñhala* est un des lieux où naquit anciennement *Çakya Tathâgata*.» On trouve, en effet, livre XI, fol. 7, au commencement d'un morceau moderne, qui ne devait pas trouver place dans le *Si-yu-ki* : «Jadis *Çakya-mouni Bouddha*, dans une de ses existences (mot à mot : ayant métamorphosé son corps, *hoa chin*), prit le nom de *Seng-hia-lo* (Siñhala). Comme il réunissait toutes les vertus, les habitants du royaume l'élevèrent aux honneurs et le nommèrent roi.»

A lenda dos Raxasis da ilha de Ceilão é antiga no Oriente. É a lenda um Játaca búdico, o *Játaca do Cavalo-nuvem*.

Na tradução, que o sr. Donald Ferguson fez da parte científica do meu trabalho *Fragments d'une Tentative de Estudo Scolástico de Epopeia Portuguesa*, lê-se em nota do exímio tradutor:

«In the *Academy* of Aug. 13 and 27, 1881 (reprinted in the *Indian Antiquary* for Oct. 1881, pp. 291-3), are two interesting communications on the subject of «The Myth of the Sirens», one from Mr. W. E. A. Axon, who drew attention to the «Story of the Five Hundred Merchants», given by Beal in his *Romantic Legend of Śākya Buddha*, p. 339 ff.; the other by Dr. R. Morris, who showed that the story is a veritable *jātaka* tale, the Pāli text of which is given in Fausböll's edition of the *Jātaka*, vol. II, p. 127 ff, under the title of *Valāhassajātaka*, «Cloud-horse *Jātaka*». As no translation of the *Valāhassajātaka* has yet appeared, I give one below, p. 46 f. The explanation of several doubtful passages I owe to the kindness of Mr. L. C. Wijesinha, Mudaliyâr, the coadjutor of the late Prof. Childers in his Pāli Dictionary. I have added a few notes.

Dou aqui em seguida a tradução a que se refere o sr. Donald Ferguson, com as respectivas notas como se encontram no seu folheto.

VII

O Jataka do Cavalo-Novem

«Those who will not carry out the advice.» Thus spake the Teacher, while dwelling in Jetavana, concerning a certain unhappy monk. This monk having been asked by the Teacher: «Is it true that you are unhappy?» replied: «It is true!» When asked, «Wherefore?» he said: «On account of having looked with desire upon a beautiful woman.» Then the Teacher said to him: «O monk, these women who allure men by their form, voice, odour, taste, and touch¹, and also by the charm of female fascination¹, getting them into their power, and knowing that they have attained their wish, through loss of (men's) purity and wealth, are, on account of their sinfulness, called Yakkhinîs, for in former days also Yakkhinîs approached a com-

¹ «Women who allure men by their form,» &c. See *Anguttara Nikâya, Ekanipâta Vagga*, I, ed. by Morris for the Pâli Text Society, 1883, pp. 1-2 and 86-91.

¹ «Female fascination.» The Pâli is *ithikuttam*, the latter part of which is not given in Childers' *Dictionary*. It occurs three times in this *Jâtaka*, and is also found, as L. C. Wijesinha Mudaliyar kindly points out to me, in the *Takkajâtaka*, p. 296, vol. I, of Fausböll's edition. As to this word, which Dr. Morris does not explain, Mr. Wijesinha writes that he does not recollect meeting with it in any other Pâli books but the *Jâtaka*, where it is almost synonymous with *lâlham*. He points out the resemblance to the Tamil *kâttu*, dance, and suggests that it is of Dravidian origin, which is not improbable.

pany of men by means of female artifice, and having fascinated the merchants and got them into their power, seeing other men also, brought about the destruction of them all and devoured them, crunching¹ them, with the blood flowing from both sides of their jaws.» He then related the story:

In former times there was in the island of Lañkâ a Yakkha city called Sirīsavatthu. Therein dwelt Yakkhinīs. These, when a shipwreck took, were accustomed to go to meet the merchants in splendid clothing, surrounded by slaves, carrying children on their hips, and offering food and drink. That they might think, «We have come to an abode of men,» they would show here and there men ploughing and tending cattle, and so forth, herds of cattle, dogs, &c., and approaching the merchants they would say: «Drink this rice gruel, partake of this rice, eat this food». The merchants unawares enjoy the things given by them. Thus having eaten and enjoyed, while resting they exchange friendly greetings. They ask: «Of what place are you inhabitants, whence do you come, whither are you going, on what business have you come hither?» And they answer: «We have come hither having been shipwrecked.» Responding: «Well, sirs, our husbands also, three years ago, went on boardship and went away; they must be dead; you are also merchants, we will be your wives,» they enticed those merchants with female blandishments, and leading them to the Yakkha city, the first men being captured, having bound them as it were with supernatu-

¹ «Crunching.» The Pāli is *murumurāṭevā*, from *murumurāṭeti*, an apparent causative of *murumurāyati*, an initive word, not found in Childers' *Dictionary*. Dr. Morris, however, considers the word not a causative but a «denominative verb of onomatopoeic origin, like our words *munch*, *chump*, *chunch*, &c.» The verb *murumuru*, to murmur, is given in Winslow's *Tamīl Dictionary*.—The Sans. verb *madamada* in a similar sense occurs in the beginning of the IVth act of *Uttararāmacharita*.

ral chains¹, they hurry them into the abode of destruction. If they do not obtain shipwrecked men near their own place of abode they wander along the seashore, as far as Kalyâṇî on the further side and Nâgadîpa on this side, and this is their custom. But one day five hundred merchants crossed over to their city. The females, approaching them, enticed them, and bringing them to the Yakkla city, binding the men whom they first captured as with supernatural chains, they hurried them into the abode of destruction, and made them their husbands, the chief Yakkhinîs, the chief merchants, the others, the remainder, and so the five hundred Yakkhinîs, the five hundred merchants. But that chief Yakkhinî in the night time, when the merchants had gone to sleep, rising, goes to the abode of destruction, and killing men, eats their flesh, and returns. The others also do likewise. When the chief Yakkhinî had eaten the human flesh, on returning her body was cold². The chief merchant having embraced her knew that she was a Yakkhinî, and thought: «These must be five hundred Yakkhinîs; we must escape.» On the morrow, in the early morning, on going to wash his mouth, he told the other merchants: «These are Yakkhinîs, not human beings; they will devour us after making us their husbands, as they have done in times past to other shipwrecked men; let us now flee.» But two hundred and fifty³ said: «We are unable to leave them; you go; we shall not flee.» The chief merchant, having persuaded the two hundred and fifty by his advice, fled, terrified at the females.

¹ «Supernatural chains»: Pâli *devasaṅkhalikâya*, where, as Mr. Wijesinha points out, *deva* can hardly be translated *divine*; he suggests a corrupt reading for *tadaheva*, but as the word occurs twice, and Fausböll gives no alternative reading, I have let it stand.

² «Her body was cold.» I have not elsewhere met with this characteristic of Yakkhinîs.

³ «Two hundred and fifty»: Pâli *addhatejyasatâ*, literally two-and-a-half hundred.

Now at that very time Bôdhisatta was born from the womb of a mare; he was pure white, blackhead¹, muñja-haired², possessed of supernatural power, being able to go through the air. Rising through the air from the Himavanta, he went to the isle of Tambapañni, and having eaten paddy produced spontaneously in the lakes and ponds of Tambapañni he went on, and thus proceeding said compassionately three times in a well-modulated human voice: «Does any person wish to go? Does any person wish to go?» They hearing the speech came near with folded hands, and said: «Sir, we folk wish to go.» «Then get upon my back», said he. Then some got on his back, some seized his tail, but some stood with folded hands. Bôdhisatta by his own supernatural power conveying all the two hundred and fifty merchants, even those standing with folded hands, placing each in his own place, returned to his own abode. But the Yakkhinîs, when the time of the others had come, killed the remaining two hundred and fifty men and ate them³.

The Teacher, addressing the monks, said: «O monks, as those merchants went to the dwelling of the Yakkhinîs and met with their death, while those who obeyed the word of the cloud-horse king were placed every one in his own place, even so monks and nuns, laymen and laywomen, not fulfilling the advice of Buddhas, experience great sorrow, through hundreds of misfortunes, by means of the five sorts of bonds, deed, action, condition, and so forth; but those who fulfil the advice obtain the three noble sam-

¹ «Black-headed.» «Pali *kâkasîso*, i. e., «crow-headed.»

² «Muñja-haired»: *muñja*, according to Childers, is «a sort of grass, *saccharum munja*, from the fibre of which the Brahmanical string is made», also «a sort of fish.» No doubt the first meaning applies here. According to the *Rgya-Tch'er-Rol-Pa*, the horse's hair is plaited. V. páj. 65.

³ On Ceylon as the island of demons, see Sénart's *Essai sur la Légende du Buddha*, p. 231 et seq.

pattis, the six Kâma heavens, the hundred Brahma worlds, and suchlike conditions, and experiencing the great nibbâna of immortality enjoy great happiness.» The Perfectly Enlightened then, having said this, spoke theses verses :

1. «Those men who will not carry out the advice preached by the Buddha will obtain misfortune as the merchants by the Râkshasîs.

2. «And those men who will carry out the advice preached by the Buddha will reach the shore safely as the merchants by means of the horse.»

The Teacher, having thus set forth this discourse, illustrating the doctrines, connected the *Jâtaka* (at the end of the teaching the unhappy monk was established in the fruit of *satâpatti*, and many of the rest obtained the fruits of *sotâpatti*, *sakadâgami*, *anâgâmi*, and arahatship):— «Those two hundred and fifty merchants who followed the advice of the cloud-horse king were the followers of the Buddha, and I was that cloud-horse king.»

VIII

Valor histórico e geográfico das lendas precedentes

Nestas lendas temos a separar a parte histórica da parte mitolójica.

A parte histórica é evidentemente a conquista árica da ilha de Lancá, e a conversão ao Budismo.

Mas antes desta conquista búdica, a ilha tinha sido já conquistada pe'los Arias como o canta a epopeia de *Rama*: nem vemos nestas lendas senão a serie lendaria de que o *Ramáiana* é a mais bela expressão ¹.

A crónica páli atribui ao mesmo facto os dois nomes Tamba-paññi, em sámscrito Tāmra-parṇa, ou Tamba-dīpo, em sámscrito Tāmra-dvīpa, e Sīhala-dīpo, em sámscrito Sīhala-dvīpa. Há nisto, a meu ver, confusão.

Explica o cronista a etimolójia de Tamba-paññi de modo inteiramente falso, como por jente ignorante dos processos etimolójicos ouvimos explicar a orijem de nomes locais, por exemplo — Ribeira de *Coselhas*, *Odemira*, *Miragaia*, *Penela*.

Basta vermos dois ṇs em paññi para concluírmos o vocábulo em sámscrito paṇṇī que referimos a parṇa «folha» com terminação feminina no composto. O vocábulo pāñi

¹ Leia-se Sénart, *Essai sur la légende du Buddha*, 272-278.

«mão» corresponde em sâmscrito a idéntico. O vocábulo tamba «côr de cobre, vermelho» corresponde em sâmscrito ao vocabulo tāmra «côr de cobre, vermelho», mas nome ainda de varias plantas e entre elas a tāmra-parṇī, a *Rubia Munjista* de Roxburg, da qual em sâmscrito se diz também maṅgiṣṭhā (páli maṅgiṣṭā), a ruiva dos tintureiros, e duma especie de sândalo; o vermelho, de que fala García da Orta, *Colloquio XLIX*, mas que não deve confundir-se com o actual *Pterocarpus Santalinus*, mais conhecido pe'lo nome de *Lignum Santalinum rubrum*.

Pe'lo que dizem Fluckiger e Daniel Hanbury¹, sou levado a crer, que, no tempo do Físico de D. João III, a madeira conhecida pe'lo nome de sândalo vermelho no commercio não era a de uma variedade de sândalo, antes já mercadoria mui diferente como a que hoje tem na Europa esse nome. García da Orta confessa mesmo não ter conhecido a árvore, mas soube que duma parte usavam os naturais da India contra as febres, e estimavam a madeira como bôa de aparelhar e propria pe'la sua grandeza para pagodes e ídolos.

A verdadeira rejião do sândalo na India é do Malabar para Caromandel, especialmente nas montanhas de *Malaiia*.² Hiuan-Tsam³ descrevendo estes montes diz:

«Là s'élèvent les monts *Mo-la-ye* (Malayas) avec leurs flancs escarpés et leurs sommets sourcilleux, leurs vallées sombres et leurs profonds ravins. Sur ces montagnes, croissent la santal blanc et l'arbre nommé *Tchen-t'an-ni-p'o* (Tchandaneva «semblable au santal»).

É na rejião dos montes *Malaiias*, que justamente ficava na India antiga uma das nove divisões⁴ do Pais de Bárata

¹ Trad. fr. de Lanessan, *Histoire des drogues d'origine végétale*, Paris 1878, 2 vol.—vol. II, páj. 372-373.

² Mahābhārata e Rāmājāna apud *Sanskrit Wörterbuch*.

³ Apud Stanislas Julien, *Mémoires*, II, páj. 122.

⁴ Siddhānta-Śiromaṇi, III, 41.

(a India), a divisão ou khaṇḍa Tāmra-parṇa, e o rio do mesmo nome ¹.

O mercado de sândalo em Ceilão era importantíssimo nos primeiros séculos da nossa era. Todavia as grandes lojas, que dele havia abertas, recebiam-no de país estranho. Ceilão importava-o para o expedir, porque era o emporio do mundo asiático como ponto central de todo o commercio marítimo ².

Por outro lado é certo que, antes da expedição árica atribuída a *Vijaya* e com a qual se introduziu o budismo em Ceilão, houve a expedição árica atribuída a *Rama*. Da expedição de *Vijaya* há tradição na costa oriental, da expedição de *Rama* há viva tradição na costa ocidental, no *Malabar*. Entre os *Malabares* existem ainda hoje famílias com os nomes antigos da raça dos *Ixúacus*, os ascendentes de *Rama* ³.

É possível, por consequencia, que o nome de Tāmra-parṇa, anterior ao de Sīhala-dvīpa provenha da rejião do Malabar ⁴.

Na parte mitológica distinguimos como tendo valor histórico a morte do leão.

¹ *Sanskrit Wörterbuch*, s. v. T.-p.

² Richthofen, *China*, I, 521, 524 nota 2.

³ Turnour's, *Epitome of Ceylon History*. [Cf. também *Ind. Ant.* vol. XI, páj. 257 (Ed. I. A.)]

⁴ Aqui anotou o sr. Donald Ferguson: On this subject of the name of Tambapanni and the landing of Vijaya, I would refer to Dr. Oaldwell's *Political and General History of the District of Tinnevely*, 1881, pp. 9-10, 13-14, where the connection between the river Tāmraparṇi and the name for Ceylon is shown to be exceedingly probable, though it is left doubtful which was borrowed from the ether; also Dr. E. Müller's *Ancient Inscriptions of Ceylon*, 1883, pp. 21-24, where the theory is advanced that the Vijayan invaders came to Ceylon through Southern India. We have not yet sufficient evidence, however to show that the invaders did land out the west coast of Ceylon. — D. F.

A lâmpada falante, o cavalo májico ou voador, e a desventura de quem olha para trás, são elementos mitolójicos doutra ordem.

Estes assassínios, cuási sempre fraticídios, mas ainda parricídios e filicídios, referem-se a edificação duma cidade levantada sôbre o fôssô dentro de que se havia lançado a cabeça, ou o *phallus*, do individuo sacrificado e cujo nome era, por vezes, dado à cidade ¹. É cuási certo encontrar-se, no povo cuja civilização rudimentar entrou no periodo da construção domiciliar, a crença de que o espirito da vítima, enterrada nos caboucos da casa, torna esta mais sólida e é uma como que divindade tutelar das vizinhanças da casa. Em terras de grande desenvolvimento de civilização tem-se reduzido esta crença a mero prejuizo; e como atenuação lança-se nos alicerces um frángão morto e até (na Alemanha) se faz atravessar por cima dos caboucos com um caixão de defunto, vazio.

O leão morto por *Simhabáhu* tem na Grecia o seu correspondente mitolójico no leão de *Héracles*, que alguns mitólogos explicam pe'la nuvem, calijinosa e rebombante, vencida pe'lo deus solar ². É conhecido na tradição helénica o leão monstruoso e terrível, o leão assolador do país do rei de *Mégara*, cuja filha casará com o heroi que o matar; e todavia o leão não teve o seu *habitat* no Peloponeso nem em parte nenhuma da rejião dórica, à qual pertencem as cidades de *Mégara* e de *Neméa*.

A tradição parece ter caracteres comuns à mitolójia dos povos áricos. E para mais o comprovar há a circumstancia

¹ Veja-se Fr. Lenormant. *Les origines de l'Histoire d'après la Bible et les traditions des peuples orientaux*, 1880, cap. IV; confronte-se V.-Abreu, *Investigações sobre o caracter da civilização árya hindú*, 1878, páj. 38-39.

² Cf. a explicação da morte de *Abel* por *Caim* dada por Goldziher, *Der Mythos bei den Habraern*, Goldziher-Martineau, páj. 113, 114, 126 e passim.

de ser um grande viajante por mar o herói da Índia e o herói da Grécia ¹.

Na idade-media o leão e a virgem da lenda búdica são o monocerote e a donzela, que o afaga em seu colo, atraíndo-o pe'los encantos da sua beleza ou pe'lo perfume suavíssimo que exhala ².

Antes de examinarmos os outros elementos mitológicos cumpre não esquecermos, que em a literatura clássica da Europa se mencionam entes femininos semelhantes às cruéis *Raxosis*: tais são na ilha africana, sempre povoada, os entes fantásticos do sexo feminino exclusivamente, de que dá noticia Pomponio Mela (III, 9). E Atheneu (V, 64) diz-nos que Mario trouxe da África peles de animais maravilhosos que oferecera ao templo de Hércules.

É bem conhecida a origem do nome de *Gorila* dado no *Periplo* de Hanon, pe'lo navegador cartaginês, a certos animais da zona tropical por ele encontrados nas costas ocidentais da África. Eram três fêmeas os animais que, dentre esses, ele trouxe e consagrou ao templo de *Tanit* (Juno).

Assim pois, se há tradições idénticas duma ilha de ferozes entes femininos, tanto na Índia como na Europa, há

¹ Veja-se Decharme, *Mythologie de la Grèce antique*, L. IV, cap. II.

Não esqueçamos todavia que Maury demoustrou, que as lendas em que figura o leão no Peloponeso foram levadas para ali da Frígia, da Lídia; e que hoje se conhece o mito de Adónis na epopeia acadio-babilónica, e se sabe igualmente que o mito de Sansão é o mito do Hércules assiro-acádico, Ninib ou Nindar, deus solar, representado por um gigante que estraugula um leão. A despeito de tudo isto, é certo que una especie de leão existia em tempos históricos na Trácia e países circunvizinhos, como se vê do que nos deixaram dito, em seus escritos, Heródoto (VII, 125) e Aristóteles (H. an. 28).

² Brunetto Latini, *Trésor de toutes choses*. Jordanus, *Mirabilia*.

tambem um facto histórico à semelhança do cual podemos explicar a tradição hindu. Com effeito a tradição na Europa provém do atraso da antiguidade, em anatomia e etnologia, e dos séculos decorridos entre o navegador púnico e o jeógrafo do tempo de Claudio.

Não devem ser tomados, portanto, na conta de fabulosos os habitantes do sexo feminino, as ferozes *Raxasis* da ilha conquistada por Vijaia; temos, antes, todo o direito a considerá-los como as mulheres selvajens de Hanon que para Pomponio Mela eram entes fantásticos.

IX

Raxasis, Sereias e Harpias. Os cantos celestes

Se não quisermos ver nesses entes fabulosos, — porque é contestável —, a expressão poética ou mitológica do facto de existirem na ilha animais de formas estranhas mais ou menos semelhantes às humanas, mas desconhecidas dos habitantes da India, podemos estudar o facto mitológico em si, isto é, como mitologia.

Há tradição na Europa, e se lê dela nos poemas de Homero, que bem cuadra com as lendas das *Raxasis* da ilha de Ceilão. É a lenda das *Sereias* e das *Harpías*.

É tanto mais natural comparar a lenda das Raxasis à lenda dos entes psicopompos da mitologia clássica, quanto é certo que em monumentos búdicos de Java (*Bôrô Boe-doer, op Het Eiland Java*, de Leemens segundo os trabalhos de Wilsen e Brumund. Leide, 1874, Atlas, CIV) se vêem entes com figura de ave e mulher, tidos como sedutores pe'la suavissima e arrebatadora música do seu canto.

Como divindades do mar, embora nefastas, as Harpias são irmãs de Íris, outra divindade indo-celta. Hesíodo dá-lhes ao pai nome Thaúmas e à mãe nome Electra, isto é, a violencia personificada em gigante, e o esplendor luminoso que se reflecte no azul das ondas do mar personificado em ninfa oceânica.

Nesta filiação vemos prova da identidade, sob certos pontos de vista, entre as *Harpías* e os *Marutes* da India

védica, filhos de *Rudra* a violencia do vento, o furor das tempestades, e pe'la mãe filhos de *Priani*, a vaca mosqueada, isto é, do rio celeste ou da nuvem. Os *Marutes* são divindades luminosas e rebombantes, que andam sôbre as montanhas, levados no carro do raio e do vento, dardejando as lanças de ouro, fazendo tremer os montes e abalando as florestas.

Marutes, *Raxasis*, *Sereias*, *Harpías*, são divindades de carácter acuático, fluvial, tempestuoso; além disto, como os *Ogres* e os nossos *Olharapos*, o seu poder májico arrasta sedutoramente as pessôas, que estes entes maléficos devoram.

O tipo fundamental destas diferentes concepções, a serem elas, como julgamos, do mesmo ciclo, é o *mar celeste revolto pe'lo vento e encoberto pe'las nuvens, sede ao mesmo tempo dos cantos suaves e májicos*, como são os cantos dos *Marutes*.

O cavalo do herói. Transformações do mito do cavalo mágico :
çapatos encantados, botas de cortiça

Fora da tradição comum a toda a raça árica, existem na Europa vestílios tradicionais que os mitógrafos demonstram serem de origem búdica. Deu-lhes a Italia fácil acesso e aí os encontrámos abundantes, e daí se espalharam pe'lo occidente¹.

Entre nós ignoramos que haja algum conto popular em que se mencionem lampadas falantes. Na Italia são muito conhecidos, e o leitor os pode ver na magnifica collecção de Pitré, *Fiabe, Novelle e Raccónti popolari Siciliani*, por exemplo no conto «La soru di lu Conti»².

Na Italia se encontra também a tradição do cavalo mágico. Mas neste caso entram elementos áricos comuns e de tradição, que é filha de importação por influencia búdica.

Antes do cavalo alado descrito por Ariosto, conheceu a Grecia: *Árion*, o cavalo de *Adrasto*, e *Pégaso*, outro cavalo maravilhoso³.

¹ Vide G. de Vasconcellos-ABREU, *Summario das Investigações em Samscritologia desde 1886 até 1891*, páj. 41 segs.

² Vol. I, páj. 60 segs.

³ A lenda árabe do cavalo *Hizan* que passou a *Moisés*, protegido pe'lo arcanjo Gabriel, para o outro lado do Nilo, depois da saída do palacio do Pharaó, é moderna.

É com efeito do patrimonio das lendas áricas o mito do *cavalo do heroi*, que o salva das difficuldades, como o cavallo dos dois *Axúinos* e o cavallo de *Índra*, que o avisa ou pe'lo menos lhe prognostica, como o cavallo de *Rávana* chorando, a futura desgraça, ou relinchando prediz, como a *Darío*, a gloria e o triumpho; o mito do cavallo, que se identifica com o heroi, o nome do qual lhe provém do cavallo que monta e da fôrça dêsse cavallo, como *Axuatáman* (aśva-tthāman por aśva-sthāman «fôrça do cavallo»), o filho de *Drona*, no Mahabárata.

Destas lendas podemos ainda aproximar a lenda dos dois cavalos de Aquiles, as lendas dos cavalos — de Alexandre, de Baiardo, e de Esquirnero nos Edas; e tantas outras, sem esquecermos a lenda de Hipocrene.

As transformações posteriores do mito do cavallo májico, do cavallo do heroi, indicam-nos, todavia, importação de tradições búdicas.

Assim transformado, o cavallo májico é em Lisbôa o *par das botas de cortiça*; e nas producções literarias modernas, quem o não conhece na *capa do Diabo coxo* e na *Bengala de Mr. de Balzac*? Nos contos populares corresponde-lhe o *tapete* sôbre que o heroi toma assento e sôbre o qual é transportado pe'lo ar, as *botas* do rapaz que procura as três irmãs¹, os *çapatos* encantados², e nos proloquios o nosso «Quem tem capa sempre escapa».

Antes de proseguirmos, convém recordar que na mitolójia grega existe também a substituição do cavallo pe'lo çapato ou sandalia. *Perseu* dá as sandalias, de que se serviu para ser transportado ao lonje por toda a parte, a *Hermes*, depois que ele envolto e occulto na *maravilhosa cabeleira* venceu o monstro e conquistou Andrómeda. Mas se recordamos esta lenda é para que se note que as orijens

¹ F. Adolpho Coelho, *Contos populares portuguezes*, conto xvi.

² Veja-se *The Indian Antiquary*. Vol. III, «Origin of Pātua», principalmente, páj. 150, col. 2.^a

dêste mito são orientais, como o demonstrou Clermont-Ganneau, comparando Horus e São Jorje, na *Revue Arch.*, n.º de outubro, dezembro, 1876¹.

Exemplo destas transformações no Oriente anteriormente às que se conhecem europeizadas é o *avadana* n.º LXXIV, dos contos e apólogos indianos traduzidos do chinês por Stanilas Julien².

¹ Ao meu amigo e colega, Dr. F. A. Coelho, devo a seguinte comunicação: «Sobre um episodio em que, em logar do botas, figura ás vezes um manto ou uma sela, que transportam pelo ar, e que se encontram em grande numero de contos europeus e orientaes, veja-se Gebr. Grimm, *Kinder und Hausmaerchen*, III, 166 (nota ao n.º 92); R. Koehler, no *Jahrbuch für roman. und engl. Literatur*, VII, 148 (nota ao conto veneziano da collecção *Widter Wolf*, n.º 10, publicada no mesmo periodico); J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, 3.ª ed., p. XXX; F. Liebrecht, in *Orient und Occident*, I, 132, onde o auctor se refere a um seu artigo na *Germania*, de Pfeiffer, II, 244. Aos contos indicados por estes auctores juntaremos os seguintes em que reaparece o episodio. J. G. von Hahn, *Gricchische, und albanesische Maerchen*, n.º 141 (Leipzig, 1864), em que é batendo na terra com bastão magico tres vezes que o possuidor se transporta aonde quer; Kreutzwald-Loewe, *Esthnische Maerchen*, n.º 11 (botas de cortiça que transportam ao longe); G. Pitré, *Fiabe, Nouvelle e Racconti popolari siciliane*, n.º 31 (botas que levam como o vento).»

² Vol. II, páj. 8; «*avadana*» significa primariamente «negocio liso, honesto, leal», mais tarde «rasgo heroico», e por fim «lenda, conto»; e assim título de collecção de contos. Burnouf. *Intr. à l'Hist du Buddhisme Indien*, 1.ª ed., 115. Sôbre a grande importancia dos *Avadanas* e dos *Játacas* búdicos veja-se principalmente o 1.º vol. do *Panchatantra*, de Benfey; e Liebrecht, *Zur Volkskunde*, 109-121 ou in *Orient und Occident*, de Benfey, I, 129 e ss., e Léon Feer, *Études bouddhiques*, in *J. Asiat.*, VII Ser., tómo. XI, XIV, *Avadâna-Çataka*, *Cent Légendes Bouddhiques trad. du sanskrit* par M. Léon Feer. *Annales du Musée Guimet*, tómo XVIII.

XI

La dispute des deux démons

Il y avait jadis deux *Piçatchas* qui possédaient chacun un coffre, un bâton et un soulier. Ces deux démons se disputaient entre eux, voulant chacun avoir ces six objets à la fois. Ils passaient des jours entiers à se quereller sans pouvoir tomber d'accord. Un homme ayant été témoin de cette discussion obstinée, les interrogea et leur dit : « Qu'ont donc de si rare un coffre, un bâton et un soulier, pour que vous vous disputiez avec tant d'acharnement ? »

De ce coffre, répondirent les deux démons, nous pouvons tirer des vêtements, des breuvages, des aliments, des couvertures de lit, et enfin toute sorte de choses nécessaires à la vie et au bien-être. Quand nous tenons ce bâton, nos ennemis se soumettent humblement et nul n'ose disputer avec nous. Quand nous avons mis ce soulier, par sa vertu, nous pouvons marcher en volant sans rencontrer nul obstacle ».

En entendant ces paroles, cet homme leur dit : « Eloignez-vous un peu de moi, je vais faire un partage égal ».

A ces mots, les deux démons se retirèrent à l'écart. Cet homme prit les deux coffres et les deux bâtons, chaussa les deux souliers et s'envola. Les deux démons furent stupéfaits en voyant qu'il ne leur restait plus rien.

Cet homme parla alors aux démons, et leur dit : « J'ai emporté ce qui faisait l'objet de votre querelle, je vous ai

mis tous deux dans la même condition, et vous ai ôté tout sujet de jalousie et de dispute».

O nosso primeiro mitógrafo, o lente no Curso Superior de Letras, dr. F. Adolpho Coelho, conhece um conto popular português de que ainda não pôde colhêr versão completa, em que há três irmãos um dos cuais tem um óculo pe'lo cual vê a grande distancia, outro tem um tapete que transporta ao lonje, outro tem uma maça, ou uma agua (leite no Játaca búdico), que cura toda a doença. Adolpho Coelho vê neste conto, de que, diz ele, há muitos paralelos europeus, orijem búdica; e conclui-a do conto que deixamos transcrito dos Avadanas.

O conto paralelo na India é o 24 do tómo II da collecção *Tuti-Náme*, ed. de Georg Rosen, Leipzig, 1858, citado por De Gubernatis, *Mythologie Zoologique*, vol. I, páj. 135¹.

Na collecção de fábulas hîndus, em sâmscrito, o Panchatantra, pode o leitor achar interêsse lendo a variante do episodio, no conto do «Tecelão que se faz passar por Vîxnu». Benfey no seu precioso estudo sôbre os contos e apólogos hîndus estuda algumas particularidades dêste conto².

¹ Cf. Liebrecht, *Volkskunde*, pag. 118.

² *Pantschatantra*, vol. I, paj. 159-163. Finalmente citamos ao leitor curioso o «Conto do rei Brahmadata», colijido no *Kathâ-Sarit-Sâgara*, que se pode ler a páj. 12 e segs. da traducção de C. H. Tawney, in *Bibliotheca Indica*, cujas notas são muito elucidativas, em especial a de páj. 14. Cf. o *Játaca* n.º 186, de Fausböll, *Dadhi-vâhana Jâtaka* «O Játaca do Senhor do Leite», traduzido por T. W. Rhys Davids, *Buddhist Birth Stories*, I, páj. XVI segs.

XII

O rinchar do cavalo do heroi. O olhar para trás

O cavalo que assim vemos substituído pe'la capa, pe'lo tapete, pe'las botas, pe'lo çapato, é na religião búdica um dos requisitos necessarios do *kakravartin*¹.

Chacravartine é o que possui tudo quanto está dentro dos limites do mundo; *Buda* é um *Chacravartine*. O seu cavalo é branco como a luz do dia, e tem crinas como os raios dourados do sol; sustenta-se bebendo os ventos e vña percorrendo o espaço inteiro.² Segundo o «*Rgya-Tch'er-Rol-Pa*» o cavalo que pertence ao *Buda Chacravartine* é pigarço, tem a cabeça preta, as crinas entrançadas, cobre-o uma rede de ouro, e percorre todo o espaço dos céus. O *Chacravartine* monta-o ao romper do sol e percorre, dum lado e doutro até aos confins oceánicos, o mundo inteiro, não sem que, antes, o guarda, que tem o corcel a seu cuidado deixe de recomendar ao animal que relinche³.

Dos hinos védicos vemos que o sol é designado como um deus que vê tudo e tudo conhece, a que nada se es-

¹ Benfey, *l. c.* Spence Hardy, *Manual of Buddhism*, páj. 127. Foucaux, *Rgya-Tch'er-Rol-Pa*, cap. III.

² Cf. Sénart, *Essai sur la légende du Buddha*, passim.

³ O nome do cavalo de Buda é *Cántaca*, *kañthaka*, provavelmente por *krandaka* «o que relincha, rinchá», √ *krand* «relinchar, rinchar, gritar, chorar, lamentar».

conde, e que se ergue puxado pe'los seus raios, pe'los seus cavalos,¹ e esta concepção revela grande desenvolvimento do antropomorfismo porque ao sol dá-se em o hymno VII, 77, 3, a dupla qualificação de «ôlho dos deuses» e de «cavalo branco, brilhante.» Por outro lado o sol é comparado ao fogo do altar, e o fogo do altar é comparado ao sol, porque em mitolojia como em todo o culto védico, aos fenómenos celestes correspondem iguais fenómenos terrestres, o que se passa na terra tem igualmente lugar no céu. O fogo, ou o lume, Agni, *ignis* em latim, é também comparado a um cavalo². É ele o que vai da terra aos céus levando o sacrificio aos deuses³, relinchando desde o primeiro momento, i. e., crepitante no altar do sacrificio, rebobante, estridente no meio da nuvem como raio que fende o espaço.

É ele que traz os deuses ao altar⁴, é ele que dá a victoria, é ele que salta por cima dos abismos, é ele o vencedor que salva o heroi.⁵ É ele que se alimenta dos ventos, que é o amigo do vento⁶; é ele o cavalo de que podemos dizer com Ariosto:⁷

«Questo è il destrier.....
 Che di fiamma e di vento era concetto;
 E senza fieno e biada, si nutria
 Dell'aria pura.....»

¹ *Rigveda*, I, 50, 1, cf. com *Rgv*, IV, 45, 6; etc.

² I, 58, 2; 149, 3; III, 1, 4; 2, 7; VI, 2, 8; 12, 6; etc.

³ III, 27, 14.

⁴ I, 14, 12.

⁵ Cf. VIII, 91, 12 com IV, 2, 8.

⁶ Cf. *Rgv*. V, 19, 5; X, 91, 7; I, 94, 10; etc.

⁷ *Orlando Furioso*. Canto XV, 41. Cf. Custodio Jesam Barata, *Recreação proveytosa*, part. I Colloquio IV. E mais *Dissertações*, do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, Dis. IV «Das Egoas da Lusitania», pag. 100-106 do tomo IX da *Hist. e Memórias da Acad. Real das Sciencias de Lisboa*. É notável que esta lenda, de as eguas conceberem de Zéfiro, é inseparável da lenda das Harpias.

Homero diz-nos, que os corseis de Aquiles eram filhos de Zéfiro

Seguros às crinas do cavalo májico, os companheiros de *Simhabáhu* podiam salvar-se das vorazes *Raxaxis*, mas sob a condição, imposta a *Orfeu*, de não olharem para trás. Eles deixam-se, porém, seduzir pe'las *Sereias* de Ceilão e morrem às suas mãos, como *Orfeu* às mãos das *Bacantes da Tracia*; perdem-se pe'lo motivo que roubou a *Orfeu*, astro nascente subindo para a terra, a formosa *Eurídice*, a aurora sua amante.

Na mitolojia semítica encontra-se êste mito. Goldziher¹ explica pe'la teoria solar o mito das filhas e mulher de *Lot*.

Como tantos outros traços das antigas lendas, também êste, diz-me o Dr. F. Adolpho Coelho, se reproduz nos contos populares modernos, por exemplo em diferentes versões europeias do conto das «Duas irmãs invejosas»².

Em algumas versões populares portuguesas do conto, que o Dr. Adolpho Coelho possui e obsequiosamente me mostrou, dois dos três irmãos, heróis de historia, quando vão à busca de certos objectos maravilhosos são convertidos em estatuas de pedra por olharem para trás ao ouvirem diversas vozes.

As lendas de individuos convertidos em pedras não são exclusivas da raça árica, como vemos pe'lo exemplo de *Lot*. Mas ainda mais: não são exclusivas da raça branca. Encontra-se na América do norte, como se vê do «*Popol Vuh*»³ e dos estudos de Müller sôbre as primitivas religiões

e da harpía *Podargue* surpreendida em um prado à beira do Oceano. (Iliada XVI, 150 segs.)

Também os Árabes dizem que o seu cavalo é filho do vento do deserto. (V. Gen. Dumas, *Le cheval du désert, mœurs, etc.*), e entre os Chins há a lenda dum país de Amazonas que concebem da sombra dos homens. (Williams, *The Middle Kingdom*, 3.^a ed., II, 154).

¹ *O. c.*, 189-197.

² Veja-se a lista das versões dadas pe'lo meu colega Coelho na sua colecção, *Contos populares portugueses*, páj. 19-20.

³ *Le livre sacré et les mythes de l'antiquité américaine, avec les livres héroïques et historiques des Quichés.* Original e trad. dados pe'lo Abbé Brasseur de Bourbourg, páj. 343-345.

dos indios americanos.¹ A maneira pe'la cual estas lendas aí são explicadas é uma comprovação da teoria solar, que em si não é falsa, mas só defeituosa quando exclusiva nas explicações mitológicas, como dela exajeradamente se têm servido alguns mitólogos: «Um gigante guardava as cavernas onde estavam os homens que a *Mãe-terra* tinha produzido; uma noite êste gigante deixou as cavernas, e depois do romper da alva, o sol surprehende-o e transforma-o no rochedo *Cauta*».

Não podemos deixar de ver nesta lenda a semelhante da lenda de *Atlas*, o gigante do ocidente, transformado em monte. E pe'la relação em que mitológicamente está *Atlas*, *Perseu* de *pés alados* e as *Gorgonas* (às cuais foram comparadas as mulheres selvajens de Hanon), e ainda o *cavalo Pégaso*, que nasce do sangue de *Medusa*, não será possível negar que por toda a parte estas transformações em pedra são lendas cuja explicação está na passagem do dia para a noite, e na entrada ou queda do Sol no mundo das trevas, em o mundo subterraneo chamado *Tártaro* pe'los gregos, *Talátala* pe'los Arias-hindus², invisível como a rejão *Amenti* dos Ejiptios³, de que dá conta satisfatoria a teoria solar;

¹ J. G. Müller, *Geschichte der amerikanischen Urreligionen*, Basel 1855, pag. 179, Cf. pag. 110.

² Benfey, *Hermes, Minos, Tartaros*.

³ Falarmos, neste logar, da *Amenti* não é um acaso, nem uma comparação indifferente e desnecessaria. O motivo é justo, e a comparação calculada. O cap. XV do *Livro dos Mortos* diz: «A tarde o sol volta a sua face para a *Amenti*». Pierret, no *Vocabulaire Hiéroglyphique*, páj. 29, diz: «*Ament, Amenti*, enfer, région où se cache le Soleil, séjour des âmes après la mort.» E mais abaixo: «*Ament, l'Ouest, la région occidentale*», Cf. do mesmo autor *Dict. d'Archéologie Egyptienne*, s. v.

A esta definição de *Amenti* vem ainda juntar-se o que dizem P. Guieysse e E. Lefébure, em *Le Papyrus Funéraire de Soutimès*, pag. 4: «Il semble même que les mythes de l'Égypte, moins diversifiés par les légendes et les jeux de mots que ceux de la race indo-européenne, devraient se laisser plus aisément pénétrer. Les tex-

nem será possível negar a íntima conexão entre os elementos mitolójicos das lendas orientais, que ficam dadas, e os idénticos das lendas da antiguidade clássica.

Ligam-se ainda a estas lendas superstições que encontramos em nossos dias pe'la Europa: assim em Portugal diz o povo que «andar para trás é cair no inferno» e os Noruegos dizem que «quem anda para trás atira com o pai e com a mãe para o inferno» como dizem igualmente que «é bater na mãe bater na terra» e «é bater no pai bater em uma pedra»;¹ superstições estas que também se encontram do outro lado do Oceano, na América, segundo Müller².

tes hiéroglyphiques nous apprennent, sans contestation possible, que depuis les premiers siècles jusqu'aux derniers, la plupart des divinités ont gardé leurs significations originelles, qu'indiquent leurs noms, et que les prêtres ne perdaient pas de vue. Pour ceux-ci comme pour nous, Ra est le soleil, Shu, la clarté, Nu, le ciel, Hapi, le Nil, Amenti, l'occident, etc.»

¹ Liebrecht, *Norwegischer Aberglaube*, in *Volkskunde*, páj. 130 e segs. n.º 174 a, b.

² *Op. cit.*, páj. 110. Cf. Grimm, *Deutsche Myth.*, 2.ª ed. 538 ap. L.

XIII

As pègadas dum deus no alto dum monte

I. — Pègada de Adão e Ponte de Adão

Explicuemos agora o mito das *pègadas divinas*, e digamos como o facto natural do monte do *Samanela* condiz com o simbolismo árico.

Assim como a concepção árica do *cavalo branco do heroi* provém dum mito solar e do *mito da nuvem*, assim tem sua explicação semelhante a crença em vestíjios da passagem de uma divindade sôbre a terra, e principalmente a crença em pègadas divinas no alto de montanhas.

Advirta-se todavia que, entre povos para explicação de cuja mitolojia não devemos fazer intervir as crenças e simbolismos áricos, existe a lenda das pègadas de um heroi, ou de um deus.

Na religião búdica o cavalo e os pés de Buda são objectos da maior veneração nos seus templos. E como tais vemos representados nos baixos relevos, nas esculpturas; e

«...em Ceylão que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana,
Os naturaes o tem por cousa sancta
Pela pedra onde está a pegada humana.

L. x., fol. 183.

Camões e já antes Duarte Barbosa tiveram conhecimento dêste vestíjio da lenda búdica; mas vê-se que a ouviram

dos Árabes. Gaspar Correia concorda com o que diz Duarte Barbosa. Antonio Tenreiro, no seu *Itinerario* refere cousa semelhante duma pedra, que viu em Cefete, «branca como marmore em que estavam assinadas duas pegadas de pee grande e muyto poydas das mãos de os mouros as porem em ellas... polas terem em grande veneraçam porque dizem que aquellas pegadas deyxou Moyses em aquella pedra...»¹.

O nome de «pègada de Adão», em logar de «pègada de Buda», dado à depressão no alto do Samancla não é o único exemplo dum nome indiano substituído por outro de orijem árabe. Assim chamaram os Árabes «Ponte de Adão» à «Ponte de Rama», à linha de rochedos que se alonga desde o continente asiático até a ilha de Ceilão, como poldras enormes lançadas por *Hánumat*, desde a extremidade da costa de Coromandel até a ilha do terrível *Rávana*, para passajem das tropas do heroico *Ráma*, e chamada *Setu-bandha* (*Ramáiana*, ed. de Gorresio, V. 95; trad., vol. IV, cap. 95; em o magnífico resumo de H. Fauche que é o *Ramáiana*, para assim dizer popular no ocidente da Europa, êste capítulo, onde se descreve a faina dos exércitos aliados construindo a «Ponte de Rama», está a páj. 163-165 do tómo II).

De terras baixas corre a ilha de Ceilão de 7° 51' de latitude para o sul, levantando-se, pouco a pouco, e vindo a erguer-se em altíssimas serras, que das nuvens caiem, cuási de repente, sobre a outra banda do mar.

¹ *Livro de Duarte Barbosa*, no tómo II da *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações ultramarinas que vivem nos Dominios Portuguezes publicada pela Academia Real das Sciencias*, paj. 351 da 2.ª ed.; *Lendas da India por Gaspar Correa publicadas de ordem... da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc.*, tómo I, páj. 650; *Itinerario, etc.*, ed. Rollandiana, páj. 76.

OS SIMIOS CONSTRUINDO A PONTE DE RAJA



Dos montes que formam a copa dêste *boné de Jockey* é notável o *Samanela* «Pedra do concilio divino na montanha»¹ a que os Europeus, seguindo os Arabes, denominam Pico de Adão, e antes os Budistas tinham chamado *sirīpāda* em páli, em sámscrito *śrīpāda* «signal do pé do Bemaventurado» porque ali crêem que é ainda visível a pègada de Buda.

O verdadeiro nome páli desta montanha é *sumana-kūṭa* assim chamado porque a divindade (deva) *Sumana* aí habitava, diz Childers (*Pali Dict.*, s. v.), «montanha dos felizes» ou, como diz Lassen² «montanha dos Deuses». Outro nome desta montanha é *śubhakūṭa* «o monte brilhante», o último de que no sul se despede o sol poente³.

Hardi, *Manual of Buddhism*, páj. 211–212, dá a seguinte lenda ceilonense:

«The dewa (a divindade) of Samantakūta (outro nome do Samanela), Samana, having heard of the arrival of Budha, went to the place where he was; and after he had worshipped him, he presented a request that he would leave an impression of his foot upon the mountain of which he was the guardian. That it might be worshipped during the five thousand years his religion would continue among men . . . Budha went to it (the mountain) through the air attended

¹ «It is 7420 feet above the level of the sea and was considered as the highest mountain in the island; but it has been discovered, since the English came into possession of the interior, that there are at least three others that are higher, Pidurutalagala having an elevation of 8280 feet. It will, however, always be the most remarkable, from the many legends connected with it, and the conspicuousness of its appearance especially from the sea; it is an insulated cone, rising boldly into the sky, and generally cloud-capped. It is supposed by the Chinese (Davis's Chinese) that at its base is a temple, in which the real body of Budha reposes on its side, and that near it are his teeth and other relics». (Spence Hardy. *A Manual of Buddhism*, 1.^a ed., páj. 211.)

² Lassen, *Indische Alterthumskunde*, 2.^a ed., vol. 1, páj. 233–34.

³ Na hipótese, na idéa de que fôsse o mais alto. Cf. porém nota 1.

by 500 rahats (sanctos). At the right hand of the sage was Samana, in beautiful garments and rich ornaments, attended by all his inferior dewas, with their queens who made music and carried flags and banners, and scattered around gold and gems. Sekra,¹ Maha Brahma,² and Iswara,³ were all there with their attendant retinues; and like the rolling of the great ocean upon Maha Méru or the Yugandhara rocks, was their arrival at the mountain. The sun remained in the midst of the sky, but his rays were cold as those of the moon; there was a slight falling of rain like the water that is sprinkled around a throne to allay the dust; and the breeze, charged with sweet perfume, came from all sides to refresh the illustrious visitant. At his approach, all the trees of the mountain were as though they danced in gladness at the anointing of a king. In the midst of the assembled dewas, Budha, looking towards the east, made the impression of his foot, in length three inches less than the cubit of the carpenter; and the impression remained as a seal to show that Lanká is the inheritance of Budha, and that his religion will here flourish».

Hardi esclarece dizendo em nota que o vestígio dos pés de Buda é uma «indentation upon the summit of Adam's peak.» Ibn Batutah descreve o pé de Adão na ilha de Serendib (Ceilão) dizendo:

«La marque du noble pied, celui de notre père Adam, se voit dans une roche noire et haute, et dans un endroit

¹ Seera, Sacra ou Saca (Sakka em páli, Śakra em scr. «poderoso» epíteto de Indra) é um arcanjo do paraíso *Tavatimsa*. V. Childers, *Pali Dict.*, s. v. Sako, māro.

² Não se confunda com o *Brahma* da religião purânica. Na dos Pítacas (livros sagrados búdicos) *Maha Brahma* «is simply the ruler of a brahma-loka» (H. p. 41), dum mundo celestial superior. Veja-se Childers, *Pali-Dict.*, u. s.

³ Não se confunda com *īśvara* «supremo senhor» em sámscrito. Na religião búdica encontram-se como «arcânjos» algumas das principais divindades brahmánicas. Veja-se Childers, ut supra.

spacieux. Le pied s'est enfoncé dans la pierre, de sorte que son emplacement est tout déprimé; sa longueur est de onze empans. Les habitants de la Chine y vinrent jadis; ils ont coupé dans la pierre la place du gros orteil et de ce qui l'avoisine, et ont déposé ce fragment dans un temple de la ville de Zeitoun (Tseu-thoung) où ils se rendent des provinces les plus éloignées».

O Dr. Davy¹ diz que a pégada de Buda é «a superficial hollow five feet three inches and three quarters long, and between two feet seven inches and two feet five inches wide»; Gaspar Correia, que dá mais pormenores do que Duarte Barbosa, diz que a pégada «he de hum covado de comprido, e meo de largo»; o autor do livro *Fatalidade Historica da Ilha de Ceilão*, diz que no cume do Pico está «huma planicie mui redonda, e tem de diametro duzentos passos, onde se vê huma alagoa mais profunda que dilatada, de excellente agua manancial: . . . Em o meio daquelle terreno se vê huma lagem grande sobre algumas pedras lavradas, e nella estampada, como em cera, huma pegada de dous palmos em comprido e oito dedos de largo»².

II. — A pégada divina e o naturalismo árico

O facto natural é pois uma depressão no alto do monte.

Das lendas que explicam êsse facto só a búdica tem importancia scientifica e histórica. Deixemos pois de parte quanto o mohametano Masudi e o nosso cronista Osorio nos relatam da raça de Caím e dos túmulos de Adão e Eva naquela ilha; e vejamos como se explica em mitolójia a origem da lenda.

São mitos que se correspondem o mito do cavallo do heroi e o mito das pégadas divinas. Mas o cavallo do heroi, que

¹ Apud Sp. H., *op. cit.*, páj. 212.

² *C. de Noticias p. a Hist. e Geogr. d. P. Ultramarinas*, V, da 1.ª ed., páj. 63.

o defende, que o aconselha, que bate mesmo e vence os inimigos do heroi, representa a fôrça, a rapidez, a enerjia, a luz, a vida emfim; as pègadas divinas são o vestijio duns pés misteriosos que não se conhecem, que ninguém viu, e que apenas ali deixaram selado o testemunho da sua passagem depois do desaparecimento da divindade. Entre os Gnósticos as solas dos pés gravadas em pedras representavam a *morte*¹.

Os últimos raios do sol atravessando o espaço e como que lutando com a fôrça que arrasta o deus luminoso à pira que o devora, os últimos *padas*, i. e., os últimos «raios», dourando as cumiadas dos montes e como que emergindo do abismo, são os *padas*, i. e., os «pés» dêsse deus cuja túnica vermelha é o crepúsculo e ele despe cuando vai morrer².

E ao meio dêsses *padas*, («pés e raios ou mãos dos astros» em sâmscrito²), dêsses *padas* de luz, vê-se ainda nos últimos momentos o disco solar pe'la impressão que deixou na retina. A sua côr avermelhada é como que chaga sangrenta dum cruel tormento.

Êsses pés converjem mesmo um para o outro, sobre-põeem-se, e o deus dos passos largos, o deus dos três passos, fica o deus de um só passo, e o deus de um só pé cujo tornozelo não se vê, ou como o explicam os Siameses, cujo tornozelo está ao meio do pé, e cujos dedos são unidos como os de um *gālapāda*, os dum *palmípede*.

Esta concepção tão singular do pé do deus tem grande valor, se a compararmos com a concepção de que o Buda Chacravartine tem o pescoço sem movimento independente do corpo e que olha sempre de face, sempre na mesma posição e tem de voltar todo o corpo cuando volta o rosto.

¹ C. W. King, *The Gnostics and their Remains*, Londres, 1864.

² Em etiope «raios do sol» = «pés do sol»; e num hino babilónico ao Sol lê-se «pés» = «raios (do sol)». V. *Journal Asiatique*, novembro-décembre 1888, p. 517. Em sâmscrito *pāda* significa «raio do sol, ou dum astro, pé, mão dum astro.»

É indubitavelmente a concepção antropomórfica do sol¹.

A complicação dos mitos, e dos ritos que são a sua imagem, resulta da combinação das observações naturais com a idéa do culto na sua forma mais simplez. O ritual védico é a reprodução da mitolójia védica; e o dominio da mitolójia védica abranje a Terra e o Céu. O mitólogo, por consequencia, não pode explicar a mitolójia védica só pelo Céu nem só pela Terra.

E de facto o ritual representa os fenómenos do mundo celeste, e o mundo celeste só conserva a sua ordem pe'la ordem do sacrificio. A ordem litúrgica e a ordem cosmogónica são interdependentes.

Dizia-me um dia Adolpho Coelho: — «Jámais deve o mitólogo esquecer que o céu, a terra e o mar se confundem quando o homem rudo explica os fenómenos da natureza; o que há na terra há no mar e o que há no mar há na terra, e o que há no céu há na terra e no mar».

Partindo dêste principio de que já me servi neste escrito, tento dar outra explicação das pègadas divinas no alto dum monte.

Ao monticulo de terra, altar levantado no lugar do sacrificio védico e a oriente, chamava-se *vedi*. A *uttara-vedi* superior, culminante, é a *vedi* do fogo. Ao meio tinha uma cova a que se chamava *nābhi*, i. e., «umbigo», onde se lançavam os bocados da carne e o *soma*, a bebida dos deuses e dos sacrificadores, fermentada, combustível, às chamas do fogo do sacrificio.

Extincto êste, morto *Agni*, ficam apenas os vestijios no lugar onde ele pousara, fica a *nābhi*, a cova aberta no

¹ Cf. com toda esta explicação Sénart, *Essai sur la légende du Buddha*.

cimo do monte mais alto como pègada única dêsse deus que ali se extinguiu.

Assim o hino 164 do mândala I do Rigveda diz na riche 34:

«Pergunto-te pe'lo fim mais extremo da terra; pergunto-te onde é o umbigo do mundo; pergunto-te pe'la semente do cavallo; pergunto pe'lo mais alto céu da voz».

E na riche 35 responde-se:

«Esta *vedi* é o mais extremo fim da terra; êste sacrificio é o umbigo do mundo¹; êste soma é a semente do cavallo; êste Bráhlmane o mais alto céu da palavra».

O meu professor em Munique, o falecido dr. Martinho Haug, o orientalista que melhor explicou êste hino tão erigado de espinhosas dificuldades, e de problemas misteriosos, não diz, em o estudo consagrado ao hino e por ele proprio pouco antes de morrer publicado com o título de «*Vedische Raethselfragen und Raethselsprüche*»² o que seja o cavallo. Mas nem carecia. É a nuvem prolifica que pe'las chuvas traz a fertilidade à terra, é ainda o cavallo de *Ágni* ou o proprio *Ágni*, o fogo celeste, mensajeiro do sacrificio ou conductor dos deuses para sôbre o altar do sacrificio.

É prolífico, porque ao fogo celeste, ao raio, succede-se a *semente, i. e.*, a chuva que torna a terra propria para a produção e que leva, como em diferentes passos dos Vedas se menciona, o fogo ao seio das plantas.

¹ Confronte-se a concepção grega de que o templo de Delfos era o centro do mundo. Os búdistas julgavam também que o centro do mundo era rigorosamente marcado pe'la árvore sagrada do templo próximo de Buda Gaia. Tanto em Roma como na Grecia, *Vesta, Hestia*, designam e santificam o lume no centro do altar, o lume no interior da casa, o lume da povoação, o lume da cidade, o do povo sujeito à lei patria, o fogo central, a Terra como centro do Universo.

² É um *Separatabdruck* dos «*Sitzungsberichten der philosophischen und historischen Klasse der kœniglich baierischen Akademie der Wissenschaften zu München*» e tem por título subsecuente àquele «*Uebersetzung und Erklärung des Dirghatamas Liedes, Rgv. I, 164*». — München 1876.

O mais alto céu da voz é o Bráhmãne, diz a ríche 35. E o Dr. Martinho Haug explica: «O Bráhmãne de que se trata é provavelmente apenas o Brahmá, presidente ao sacrificio; nele se encontra toda a ciencia sagrada, — todos os hinos, sentenças etc., — que só ele com a sua voz pode entoar é fazer ouvir».

A esta explicação posso ainda acrescentar: que o Brahmá presidindo ao sacrificio não era o mais alto céu da voz senão como representante, na terra, do deus que fazia ouvir a sua voz no céu. É ela a $v\bar{a}g\ \bar{a}mbh\bar{r}\bar{h}\bar{n}\bar{i}$, a «voz da nuvem» cantada em o hino 125 do mándala X do Rigveda, e no hino 30 do canda IV do Atarvaveda¹ É ela a voz que anuncia a vontade do deus; é ela a mensajeira do céu, a inspiradora porque revela a palavra sagrada, a «mensajeira divina» de que falam os Ríxis, os poetas védicos, e também Homero; é ela a que proclama a lei da ordem universal tanto comosgónica como litúrgica.² É ela como a voz da çarça ardente, terrível e ameaçadora; mas também suave e májica como o canto da flauta dos *Marutes* e de *Iama*. É ela que se faz ouvir, descendo sôbre a terra, de lá de cima, do *de va-sādanam*, da «morada dos deuses» onde subiram os mortais que ficaram imortais, e onde correm a flux ondas de *soma* e onde ecôam os cánticos e as melodias da flauta divina de *Iama*, onde está a *árvore de esplêndidas folhas*³.

E se recordarmos finalmente que em mitolojia (árca, pe'lo menos), *árvore*, *montanha* e *altar*, são sinónimos e expressões cuási idénticas, fica assim plenamente conhecida a ligação «do cavallo do heroi» e das «pègadas do deus» no alto de montanhas, símbolos cuási inseparáveis na religião búdica.

¹ Veja-se a magnífica tradução de Whitney em os *Essays*, de Colebrooke, vol. I, páj. 113.

² *Rigveda*, I, 151, 4, 6; com 13, 3.

³ Cf. *Rigveda*, X, 14, com X, 135.

Para maior confirmação do que fica dito encontra-se no Rigveda a expressão *iḷas-pade* (II, 10, 1; etc.) «na pègada ou no logar de Ilá (à letra)» designando o logar onde Mánus acendeu o lume e fez erguer Ágni. A esta expressão corresponde outra *iḷājās-pade* (III, 23, 4; etc.), designativa do logar onde nasceu Ágni.

Iḷā é a agua da nuvem, é o arco-íris, é o bem em jeral que os homens recebem da divindade, é a oferta sacrificial. Personificadamente é a filha de Mánus, tem o seu logar no altar do sacrificio, na morada dos sacrificadores, onde está assentada; é também na lenda do diluvio a filha e a mulher de Mánus, é a filha da oração personificada, é a mãe dos homens actuais. Nesta ordem de idéas *Iḷā*, personificação da súplica e da oração dos homens para com a divindade, é uma *gnā*, um ente feminino e divinal, amante do deus (por excelencia Ágni) a quem se entrega ao nascer do sol e à hora em que o sol desce abaixo do horizonte, unjida do pingo santo do sacrificio, como *Aramati* outra personificação da prece.

Finalmente: diz o Rigveda que «três vezes Víxnu (o Sol ou Ágni, neste logar) pôs o pé sôbre a Terra deixando a pègada no pó» (I, 22, 17), e que «a pègada superior do pé de Víxnu é o logar mais alto de Ágni» (X, 1, 3), «o qual tem ali a forma misteriosa» (V. 3, 3), e que «o logar supremo que o preste acende é o da pègada suprema de Víxnu» (I, 22, 21).

Assim, pois, concluimos que ao mito das pègadas de um deus no alto de um monte corresponde litúrgicamente o logar onde se acende o lume, o logar que, cosmogónicamente, é o centro do Mundo¹; e que dentre os fenómenos naturais corresponde a êsse mito o erguer e o pôr do sol.

¹ Cf. na mitolójia clássica greco-latina *Vesta*, o altar de *Vesta*, o centro do Mundo, recorde-se páj. 78, linhas 9-11 e a nota respectiva.

REJISTRO ALFABÉTICO

- Adrasto. *V.* cavalo.
Aggasāvikā, 20 n. 7.
Ágni, ágni: 66, 77, 78; comparado a um cavalo, 66; cavalo de —, 78, leva o sacrificio aos deuses, 66, 78; traz os deuses ao altar do sacrificio, 66, 78; alimenta-se do vento, 66; amigo do vento, 66; logar mais alto de —, 80.
Agraśrāvikā, 20 n. 7.
agua maravilhosa, 64.
Ainos: lenda da sua orijem, 6.
Alexandre. *V.* cavalo.
Amazonas que concebem da sombra do homem, 67 n. de p. 66.
Amenti, 68 e n. 3.
Andamanes: têm aspecto de cão, 5; lenda da sua orijem, 5 n. 1.
andar para trás, 69.
Antão (S.), 10.
antropófagos, 6.
antropofajia. 6.
Aquiles. *V.* cavalo.
Aralez ou Arlez, 9.
arco-íris, 80.
Árion, 59.
árvore, 78 n. 1; de esplêndidas folhas, 79; folhas de — que se mudam em vasos de ouro, 28; —, montanha e altar, 79. *V.* Cares.
assassinios que se referem à edificação duma cidade, 54.
Átila, 7.
Atlas, 68.
avadāna, avadana, 61 n. 2.
Axuatáman. *V.* cavalo.
Axuínos. *V.* cavalo.
Baiardo. *V.* cavalo.
bastão. *V.* cajado.
Belgas: antropófagos no tempo dos Romanos, 6.
'A Bengala de Mr. de Balzac', 60.
Bermá. *V.* Cares.
Bodisatua: nascido duma egua, 48; sua côr, etc., 48. Cf. cavalo branco do heroi.
Borus, os antigos Prussianos, homens com focinho de cão, 6.
botas: de cortiça, 60; do rapaz que procura as três irmãs, 60, 61 n. 1.
Brahma, 74 n. 2.
Brahmá, 79.

- Bráhmãne, 79.
bruxa, 8.
Buda, 49. *V.* Bodisatua, cavalo, Chacravartine, pégada, Sambuda, Tatágata, vento.
cabeleira maravilhosa, 60.
cadela que amamenta Ciro, 7.
cães, de que descendem heróis, substituídos na lenda por lobos, 7. *V.* Cares, Cérbero, Chinuate, Iama.
caixão de defunto: atravessar com um —, vazio, por cima dos caboucos da casa, 54.
cajado maravilhoso, 63.
Çamatra, 13.
Cântaca ou Kaṇṭhaka. *V.* rinchão.
cantos májicos, 58. *V.* flauta.
cão: vermelho, 6; homens com focinho de —, 6; animal sagrado, 9; a sua lingua é benta, 9; o olhar do —, 9; lendas de individuos ou povos oriundos de um — 3, 5, 6, 8. *V.* cães, Aralez, Cérbero, Iama, Iudíxtira.
capa: do Diabo-coxo, 60. *V.* tapete, proloquio.
çapatos encantados, 60, 60 n. 2.
Cara-Quirguizes, lenda da sua orijem, 6.
Cares de Pegu e sul de Bermá, 3; trazem suas naturas em cascaes, 4; escondem-nas em canas, andam nus, 5; copulam-se como cães, 5; os homens têm bôca e fauces de cão, 5; as mulheres são formosas e cobrem o corpo com folhas de árvores, 5.
Caribas, como os descreveram os Cubanos a Colombo, 6.
cavalo: de Adrasto, 59; alado, descrito por Ariosto, 59, 66; de Ágni, 78; de Alexandre, 60; de Aquiles, 60; de Axuatáman, 60; dos dois Axuínos, 60; de Baiardo, 60; de Buda ou do Chacravartine, 65, 65 n. 3, 71; de Darío, 60; de Esquírnoro, 60; de Indra, 60; de Rávana, 60; do Sol, 66; filho do vento, 66, 67 n. de p. 66. *V.* Ágni, Soma.
cavalo branco do heroi. *V.* sg.
cavalo maravilhoso ou májico, cavalo do heroi, 25, 26, 37, 41, 71, 75, 79; játaça do —, ou do cavalo-nuvem, 45 sgs., 54, 59, 60; transformações do — nas lendas, 60.
Ceilão, 13, 72, 74; conhecida 2400 anos antes da nossa era, 14, n. 3. *V.* Ceylão, sândalo.
centro-do-mundo, 78 n. 1, 80.
Cérbero, 9; os cães de quatro olhos, 9, e n. 2 na p. 10, p. 10 n. 1.
Ceylão, 71. *V.* Ceilão.
Chacravartine, 65; o Buda —, como volta a cabeça e como olha, 76.
Chinuate, a ponte —, 9, 10.
chuva, 78.
Ciro, 7.
cofre maravilhoso, 63.
crisma ou tótemo ou dodaine: relação dêste facto com a lenda de um individuo ou de um povo ser oriundo de cão ou fera e individuo humano, 7, 8.
Cuxitas, 14.
Darío. *V.* cavalo.
Devaloka, 20 n. 7.
Devaputra, Devaputta, 20 n. 7.
Diabo-coxo, 60.
dodaine. *V.* crisma.
Duzaque, 10.

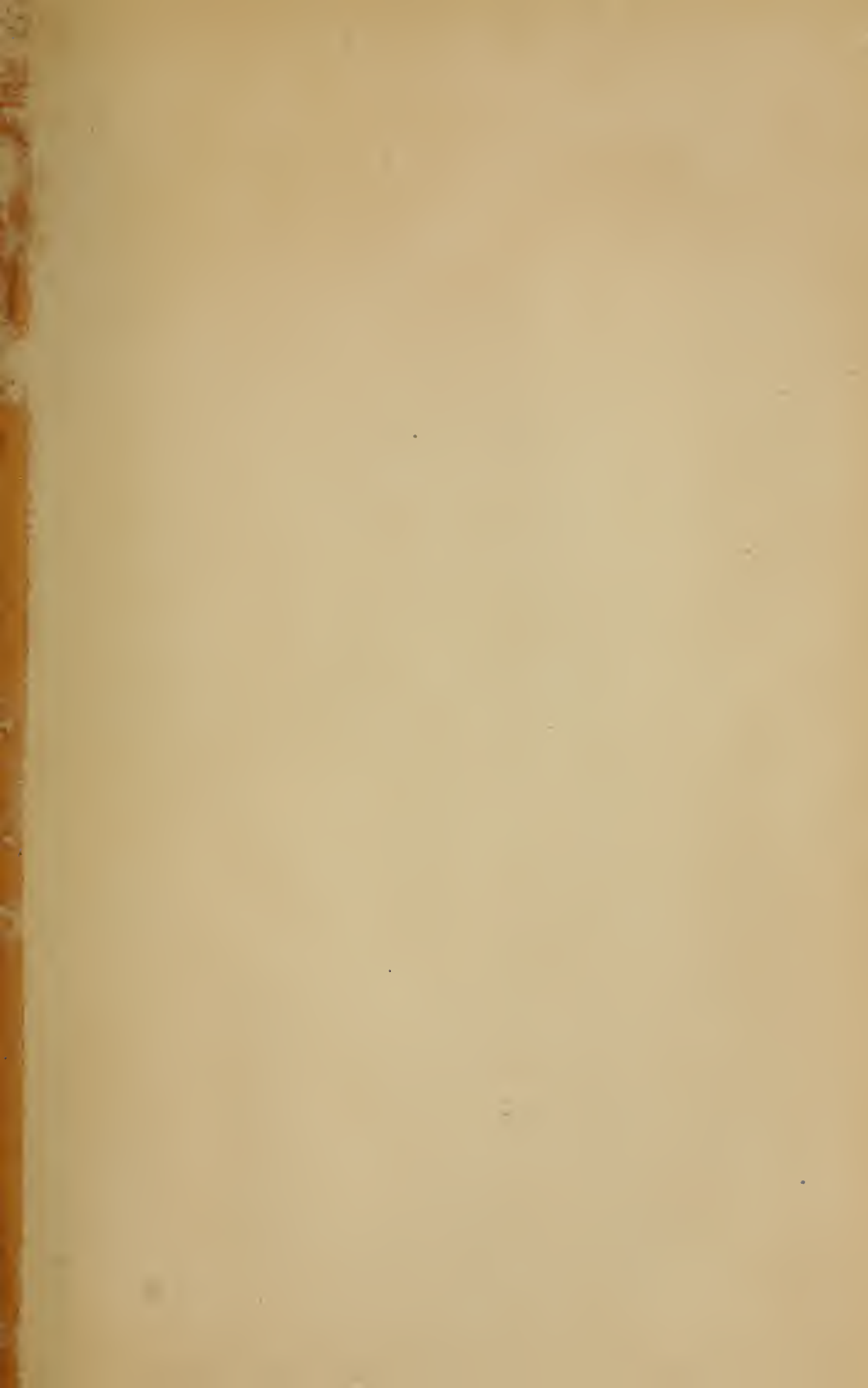
- Édipo, 8 n. 1, 28.
 eguas da Lusitania, 66.
 Egipto: relações comerciais do
 — com Ceilão, 14, e n. 3, 19
 n. de p. 18.
 Electra, 57.
 Esquirnero. *V.* cavalo.
 Euridice, 67.
 feras: de que descendem ho-
 mens, 6, 7, 8; — que amamen-
 tam heróis, 7, 8.
 Finlândia: homens-cães da —, 6.
 flauta de Iama, dos Marutes, 79.
 fogo, 78. *V.* Ágni.
 frângão: morto lançado nos ali-
 cerces da casa, 54.
 Galos: antropófagos no tempo
 dos Romanos, 6.
 ghāna, 22 n. 3.
 Gibelinos, 8.
 gnā, 80.
 Gnósticos: *V.* pé.
 Gorgonas, 68.
 gorila, 55.
 Guelfos, 8.
 harpia, 57; — Podargue, 66,
 n. 7.
 Hánumat, 72.
 Hermes. *V.* cabeleira.
 heroi. *V.* cão, cavalo, fera, rin-
 chão.
 Hestia, 78 n. 1.
 Hipocrene, 60.
 Hizan, 59 n. 3.
 Iama: cães de —, 9; flauta
 de —, 79.
ignis. V. ágni.
 Ilá ou Ilā, 80.
 Indra, 10, 20 n. 5 e 6.
 Iudíxtira: entra no paraíso com
 o seu cão, 10.
 Íris, 57. *V.* Ilá.
 Isuara (Íxuara), 74.
 iśvara, 74 n. 3.
 Iucarés, 8.
 Jina, 22.
 Kaṇṭhaka. *V.* rinchão.
 κέλερος, 9, 9 n. 3.
 Khemā, 22 n. 7.
 krandaka. *V.* rinchão.
 Lala, 14, 15, 17, 19 n. 4 de p.
 18.
 lámpada falante, 25, 54, 59.
 Lancá ou Lanká ou Lankā,
 11, 12, 14, 17, 74.
Larikē, 15.
 leão: de Hércules, 54; de Mé-
 gara, 54; nas lendas da idade-
 -media, 55; nas lendas do Pe-
 loponeso, 55 n. 1. *V.* Simha-
 báhu.
 leite: maravilhoso, 64; játaca do
 senhor do —, 64 n. 2.
Ling-kiá, 12.
 loba, que amamenta o heroi, 7.
 lobisomem, 8.
 Lot, mito das filhas e mulher
 de —, 67.
 lume. *V.* ágni.
 maçã maravilhosa, 64.
 Mahabárata, Mahābhārata,
 10, 11, 14, 60.
 Malabar, 52, 53 n. 4.
 Malaias: montes —, 52.
 manto que transporta pe'lo ar,
 61 n. 1.
 Mánu ou Mánus, 80.
 mar-celeste, 58.
 Marutes, 57, 58.
 Medusa, 68.
 monocerote e a donzela, 55.
 montanha, monte: dos deuses,
 dos felizes, 73; brilhante, 73.
V. árvore, Malaias, pedra,
 pégada.
 monte. *V.* Atlas, montanha.
 morte: simbolizada por solas
 de pés gravadas em pedra,
 76.
 morto: enterrado nos caboucos

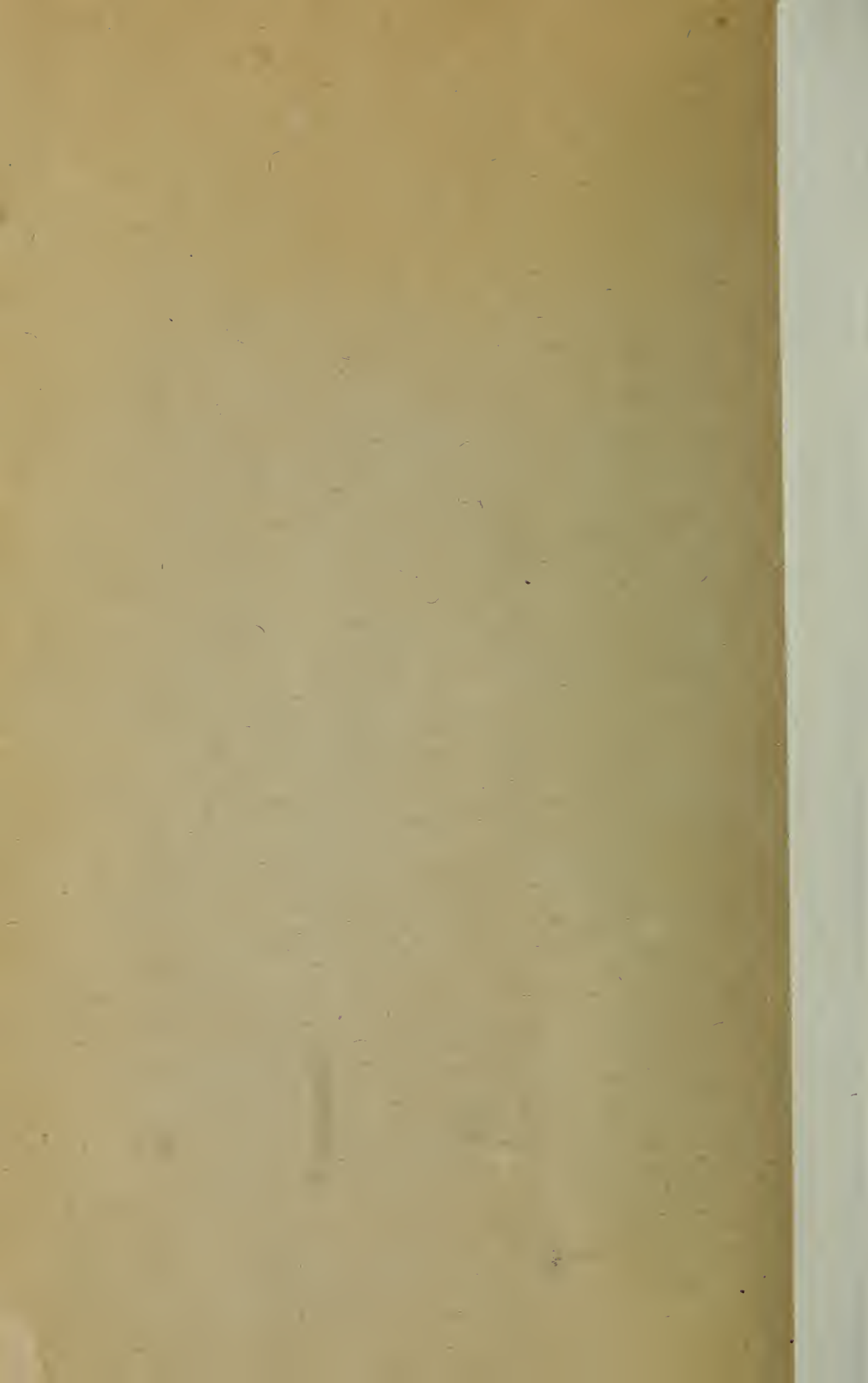
- da casa é divindade tutelar dela, 54. *V.* caixaõ, frångão, *phallus*.
- nābhi. *V.* umbigo (do mundo).
- nibbāna. *V.* parinibbāna.
- Nicobares: descendem de cão e mulher, 5; seu aspecto singular, 5 n. 1; — e Bermás, 5 n. 2.
- nirvāṇa. *V.* parinibbāna.
- nuvem. *V.* cavalo-nuvem, voz da nuvem.
- óculo maravilhoso, 64;
- ogres, 58.
- olhar para trás, 26, 67.
- olharapos, 58.
- Orfeu, 67.
- pāda, 76 n. 2
- padas «pés e raios», 76
- P'ao-tchu, 11, 31, 34, 35
- parinibbāna, 20 n. 1; 23 n. 5.
- passos: dum deus, 76, 80.
- pedra: individuos convertidos em —, 67, 68; bater numa —, 69; — do concilio divino na montanha, 73. *V.* pé.
- pègada: de um deus no alto de monte, 71, 71, 75, 76, 78, 79, 80; — humana, 71; — de Adão, 72, 74, 75; lenda da — de Buda, 73, 74; dimensões da — de Buda, 74, 75; — de Moisés, 72; — de Vixnu, 80.
- Pégaso, 59, 68.
- Perseu, 68. *V.* sandalias.
- phallus*: lançado no fôssõ da nova cidade, 54.
- Pico de Adão, 73, 74.
- Podargue. *V.* harpia.
- Ponte de Adão, Ponte de Rama, 72. *V.* Chinuate.
- Prixni, 58.
- proloquio: «quem tem capa sempre escapa», 60. *V.* andar para trás; terra.
- Prussianos. *V.* Borus.
- raios do sol, dos astros, são os seus pés, 76 e 76 n. 2.
- Rama, 53, 72.
- Ramãiana, 11, 51, 72.
- ratna-dvīpa, 11, 35, 35 n. 1.
- Rávana, 11, 72. *V.* cavalo.
- Raxasis, Râkchasis, Râkshasis, 25, 26, 31 e segs; 55, 56, 57 e 58; a lenda das — da ilha de Ceilão é um jâtaca búdico, 43.
- relinchar: do cavalo do heroi, 65.
- Remo, 7.
- Rigveda: passos do — citado a páj: 10 n. de páj. 9; 66; 66 n. 1 a 6; 79; 79 n. 2, 3; 80.
- rinchão, é o cavalo do heroi e especialmente o de Buda, 65 n. 3.
- rochedo Cauta, 68.
- Rómulo, 7.
- śabala, 9 n. 3.
- Sabeus, 14,
- Sacra, 74, n. 1.
- sacrificio, 7, 54, 77, 78, 80.
- Sakka, Śakra, 74, n. 1.
- Samana, 73, 74.
- Samanakuta, 73.
- Samanela, 71, 73.
- samādhi, 22 n. 3.
- samāpatti, 22, n. 3.
- Sambuda, 20, e n. 1, 22, 23.
- śarvara, 9, n. 3.
- Sailan*, 13.
- Salai*, 12.
- Salikē*, 12.
- sandalias: de Perseu, 60.
- sândalo, 52, 53.
- Secra*, 74, n. 1.
- Seilan*, 13.
- Sekra, 74.
- sela. *V.* manto.
- semente do cavalo, 78.

- Senj-ki-lo*, 12, 36 e *passim*.
 sereias, 57.
Serendib, 12, 74.
Serendivus, 12.
 Setu-bandha, 72.
Sielediba, 12.
 Sihabáhu. *V.* Simhabáhu.
 Sihala, Sihalã, 13, 17, 17 n. 2, 35 n. 2.
 Sihala-dipo, 12.
 Sihapura, Sihapura, Simhapura, 17, 19 n. de p. 18.
 Silã, 13.
 Simhabáhu, 17; lenda de —, 27 segs.
 Simhala (o príncipe), 25.
 Simhalas, 12, 13, 14, 25. *V.* Simhala Sihalã.
 Sihalã, 12. *V.* Sihalã.
 Sihalã-dvīpa, 12, 26, 53.
Sirindib, 12.
 Siripāda, 73.
 Sofala, 19, n. de p. 18.
 sol: olho dos deuses, cavalo branco, 66; comparado a Ágni ou a Víxnu, 80; relação do pôr do sol com a pégada de um deus no cimo dum monte, 80.
 soma, 77, 78, 79.
 Śrīpāda, 73.
 Śubhakūṭa, 73.
 Sumanakūṭa, 73.
 Supara, Suppara, 18 e n. 4.
 Talátala, 68.
 Tambapāni, Tamba-parṇi, 13, 19, 21, 21 n. 2, 51. *V.* Tāmra-parṇi.
 Tāmra-dvīpa, 11, 25, 26, 51.
 Tāmra-parṇa, 11, 13, 14, 25, 51, 53.
 Tāmra-parṇi, 52, 53 n. 4.
 tapete voador, 60, 64. *V.* capa.
 Taprobana, 13, 13 n. 3, 14, 21 n. 2, 25.
Taprobānē, 14 n. 2.
 Tártaro, 68.
 Tatágata, 22 e Tathāgata, 22 n. 4, 42.
 Tavatinsa, 74 n. 1.
 terra: bater na —, 69.
Thámas, 57.
 Tiri, 8.
 tótemo ou dodaime. *V.* crisma.
 umbigo do mundo, 77, 78.
 Upalavana, Uppalavanna, Uppalavannã, 20, e n. 7.
 uttara-vedi, 77.
 vāg āmbhṛṇi, 79.
 vedi, 77, 78.
 vento: o cavalo de Buda sustenta-se bebendo os ventos; — amigo de ágni, 66; concebem dele as eguas da Lusitania, 66; é dele filho o cavalo árabe, 67 n. de p. 66; e o cavalo descrito por Ariosto.
 Vesta, 78 n. 1, 80 n. 1
 Vijaia: 28; 53, e n. 4; lenda de —, *V.* p. 17 segs.
 vimokha, 22 n. 3.
 Víxnu, 20 n. 7; 64; passos de —, 80.
 voz: reveladora, 79; — da nuvem, 79; — da çarça ardente, 79.
 Yakkhinis (Iaquinis): comem jente, 47, 48; depois do que fica-lhes o corpo frio, 47 e n. 2.
 Zafar, 19 n. de p. 18.
 Zéfiro, 66 n. 7.
 Zoroastreus: como consideram o cão, 9, e n. 2; 10, e n. 1.

ÍNDICE

Prefacio.....	I-VII
Introdução.....	1
I Os monstros de Pegu. Os homens-cães.....	3
II Orijem do nome de Ceilão.....	11
III Conquista da ilha de Lancá, e fundação do reino Singalês ou dos Leões, segundo o Dipavamsa.....	17
IV O príncipe Simha salvo pelo cavalo májico.....	25
V Orijem do reino de Simha, segundo o Mahavamsa.....	27
VI Orijem do reino de Símhala. A lenda das Raxasis e do cavalo májico, segundo Hiuan-Tsam.....	31
VII O Játaca do Cavalo-Nuvem.....	45
VIII Valor histórico e jeográfico das lendas precedentes....	51
IX Raxasis, Sereias e Harpías. Os cantos celestes.....	57
X O cavalo do heroi. Transformações do mito do cavalo májico: çapatos encantados, botas de cortiça.....	59
XI La dispute des deux démons.....	63
XII O rinchar do cavalo do heroi. O olhar para trás.....	65
XIII As pégadas dum deus no alto dum monte:	
I. — Pégada de Adão e Ponte de Adão.....	71
II. — A pégada divina e o naturalismo árico.....	75
Rejistro alfabético.....	81





PQ
9226
V3

Vasconcellos-Abreu, Guilherme
de
Passos dos Lusíadas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 13 13 12 018 0